

UNESP- UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
DSCO - Departamento de Comunicação Social
FAAC - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação

Curso de Jornalismo

RELATÓRIO DO LIVRO-REPORTAGEM

A Marca dos Anjos

Bauru, 2014

Paola Purcino Patriarca

RELATÓRIO DO LIVRO-REPORTAGEM

A Marca dos Anjos

Projeto Experimental apresentado em cumprimento parcial às exigências do Curso de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, do Departamento de Comunicação Social da UNESP- Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social- Jornalismo.

Orientador do Projeto Experimental:
Prof. Dr. Marcelo Magalhães Bulhões

Bauru, 2014

Patriarca, Paola Purcino.

A Marca dos Anjos / Paola Purcino Patriarca, 2014
30 f.

Orientador: Marcelo Magalhães Bulhões

Relatório do livro-reportagem (Graduação)-
Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Artes,
Arquitetura e Comunicação, Bauru, 2014

1. Livro-reportagem. 2. Jornalismo narrativo.
3. Humanização. I. Universidade Estadual Paulista.
Faculdade de Artes, Arquitetura e Comunicação. II.
Título.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, João Carlos Patriarca e Mara Purcino da Silva Patriarca, que me apoiaram em todas as condições para cumprir meu objetivo em escrever meu livro-reportagem, além de toda a paciência e dedicação nos momentos mais complicados ao longo do processo de desenvolvimento do livro.

Aos meus amigos de Bauru, que souberam me aguentar em momentos de impaciência, me auxiliaram com livros, ideias, e, por muitas vezes, aguentaram meu desespero com dúvidas sobre meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Ao Jornal da Cidade de Bauru, empresa para a qual trabalho desde janeiro de 2013, que me possibilitou utilizar as imagens feitas no Hospital de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais.

Ao professor Marcelo Magalhães Bulhões, pelo seu apoio incondicional. Sem sua experiência, dedicação, paciência e compreensão nos momentos-chave do processo, seria difícil manter o foco e a direção certa para completar o plano pré-estabelecido desde o primeiro semestre de 2013.

Ao jornalista Neto Del Hoyo, que me apoiou com ideias e possibilitou a leitura de seus livros sobre perfis e biografias para auxiliar no processo. Com sua experiência, proporcionou que o trabalho tivesse um bom resultado final.

Aos jornalistas Márcia Duran e João Jabbour, que aceitaram ao meu convite para realização do prefácio e posfácio. Com dedicação e experiência, contribuíram para que a obra obtivesse ótimos comentários.

Ao repórter fotográfico Éder Azevedo, que gentilmente aceitou meu convite para fazer a fotografia que seria usada na capa da obra.

Ao designer Alexandre Peres, que aceitou meu convite para diagramar o livro. Sem sua experiência e agilidade para com o trabalho, o resultado final não seria o mesmo.

A todos esses personagens presentes na minha vida, muito obrigada!

SUMÁRIO

Introdução	5
1. Introdução	5
1.1 Apresentação.....	5
2. Fundamentação teórica	12
2.1 Entrevista.....	12
3. Produto Jornalístico	17
3.1 Por que o Centrinho?.....	17
3.2 Público alvo	19
3.3 Projeto Gráfico-editorial	19
3.4 Descrição do produto.....	20
3.5 Fotos.....	21
3.6 Fontes e entrevistados	22
3.7 Levantamento bibliográfico	23
3.8 Custos do projeto.....	23
3.9 Equipamentos utilizados	24
3.10. Atividades desenvolvidas	24
4. Comentários	25
4.1 Dificuldades	27
4.2 Considerações finais	28
Referências Bibliográficas	29

1. INTRODUÇÃO

O Hospital de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais da Universidade do Estado de São Paulo, mais conhecido como Centrinho, é um hospital público que tornou referência no Brasil. Mais de 88 mil brasileiros já foram beneficiados desde sua fundação em 24 de junho de 1967. O hospital oferece tratamento especializado nas áreas de anomalias e a excelência de seu trabalho é o que atrai pessoas de todo o país. O Centrinho conta com 730 profissionais que cumprem a função de proporcionar a reabilitação dos pacientes de uma forma humanizada.

A proposta deste trabalho - com a realização de um livro-reportagem - foi apresentar uma narrativa que mostrasse um panorama do dia a dia dos funcionários do Centrinho para que o leitor, interessado por perfis, possa conhecer histórias, ter uma fonte de informações para futuras coberturas jornalísticas sobre humanização nos hospitais ou apenas para que haja maior aproximação do público com pessoas que não têm voz na mídia.

1.1 Apresentação

Diariamente, na maioria dos veículos de comunicação, encontramos notícias que fazem parte do jornalismo *hard news*, que buscam a “objetividade”, “imparcialidade” ou riqueza de detalhes. No entanto, ao mesmo tempo, não se aprofunda na questão da narratividade pelo fato de trazer uma linguagem objetiva e narrador imparcial. Devido ao tempo e espaço, as notícias acabam sendo menos narrativas, de um modo geral, configuradas em um texto em que não vale a criatividade estilística.

Assim, quando se fala em jornalismo narrativo, principalmente nos anos 60, nos países mais ricos, flagra-se o repórter-escritor desempenhando a função de narrar os mínimos detalhes, indagar, ouvir e buscar com que o leitor, “se sentisse” no ambiente da reportagem. O “jornalismo narrativo” fez com que o público se interessasse pela estética e narratividade que a notícia poderia proporcionar.

Contudo, Hemingway, Steinbeck, John dos Passos, Faulkner, James Agee, João do Rio, Euclides da Cunha, Graciliano Ramos e tantos outros grandes jornalistas-escritores são exemplos de uma tradição jornalística-literária muito anterior, que remota, pelo menos, ao século XIX. De um lado, a ficção querendo incorporar o “real” e do outro, o jornalismo se baseando, por exemplo, na cobertura de guerras, como a de Secessão, nos Estados Unidos, a dos Bôers, na África do Sul, e a Guerra Civil Espanhola.

Nos anos 60, o New Journalism, como ficou conhecido, surgiu nos Estados Unidos em pleno centro de um capitalismo pujante envolvido com novas demandas. Gay Talese, Norman Mailer e Tom Wolfe não revolucionaram a maneira de se escrever jornalismo, mas trouxeram para as páginas dos jornais a pujança de narratividade de feição literária em suas reportagens.

Já no Brasil, tivemos o novo jornalismo nos jornais *O Cruzeiro* (1970), *Jornal da Tarde* (1970) e na revista *Realidade* (1966-68). Contudo, diferentemente dos Estados Unidos, não pode falar em um rastro firme e permanente de jornais e revistas.

De acordo com Sérgio Vilas Boas (2013, Arquivo digital), o contexto, no Brasil, nunca foi tão favorável ao estudo e à prática do jornalismo literário. Vários fatores contribuíram, todavia, para o restabelecimento do interesse pelo “gênero”.

Sérgio aponta que o primeiro fator para o “restabelecimento” do jornalismo literário está relacionado com as reformas curriculares dos cursos de jornalismo, que, em tempos recentes, nos últimos vinte anos, incentivaram trabalhos de conclusão em formato narrativo não acadêmico.

Paralelamente, criaram-se disciplinas que valorizam a reportagem “de fôlego”, inclusive com a apropriação e adaptação de metodologias de pesquisa das Ciências Sociais.

Atualmente, encontram-se revistas brasileiras como, *Piauí*, *Brasileiros* e *Rolling Stones*, que parecem reacender o interesse pela narrativa jornalística detalhada e fortalecida por componentes literários. Alguns, desavisados, acreditaram que se trata de uma novidade no jornalismo do país. Porém, como já foi citado, o “jornalismo literário” existe, pelo menos, desde o século XIX,

quando nossos escritores estiveram, quase em sua totalidade, trabalhando nos principais jornais brasileiros.

A jornalista brasileira Eliane Brum é reconhecida como uma das principais repórteres que desempenham o “jornalismo literário” na atualidade. O olhar de Eliane passa a ser diferenciado de outros jornalistas quando ela transforma um simples acontecimento em uma narrativa cercada de detalhes e observações peculiares a respeito de pessoas, como demonstra em *A vida que ninguém vê* (2006).

Dessa forma, a proposta em escrever um livro-reportagem com o jornalismo narrativo, que preza por riqueza de detalhes, talvez criatividade e por possuir maior liberdade textual foi o caminho com o intuito de conhecer a rotina e a vida pessoal de seis profissionais que trabalham em diferentes áreas no Hospital de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais da Universidade do Estado de São Paulo, mais conhecido como Centrinho, em Bauru.

No formato de livro-reportagem, há liberdade para narrar, com certo apelo ao literário, as histórias dos personagens que promovem reflexão sobre como a relação de humanização interfere na vida dos pacientes e na vida pessoal dos profissionais. Há liberdade em desempenhar o perfil humanizado que, segundo Edgar Morin, tem como objetivo compreender conceitos, valores, comportamentos e histórico de vida:

A entrevista no perfil humanizado tem como finalidade traçar um perfil humano, não provoca gratuitamente, apenas para acentuar o grotesco, para “condenar” a pessoa (que estaria pré-condenada) ou para glamorizá-la sensacionalisticamente. Esta é uma entrevista aberta que mergulha no outro para compreender seus conceitos, valores, comportamentos, histórico de vida. (MEDINA apud MORIN, 2002, p. 18).

Além disso, há mais espaço para que as histórias e os fatos sejam narrados com observações mais criteriosas. Segundo Edvaldo Pereira de Lima, em *Páginas Ampliadas: o livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura* (2004), o livro-reportagem obtém a função de ampliar e aprofundar o tema proposto, diferentemente dos veículos de comunicação convencionais.

A função particular do livro-reportagem é informar e orientar em profundidade sobre ocorrências sociais, episódios factuais, acontecimentos duradouros, situações, ideias e figuras humanas, de modo que ofereça ao leitor um quadro da contemporaneidade capaz de situá-lo diante de suas múltiplas realidades, de lhe mostrar o sentido, o significado do mundo contemporâneo. (LIMA, 2004, p.39)

Portanto, *A marca dos Anjos* é um livro-reportagem baseado nas entrevistas realizadas por uma repórter ao longo do ano de 2013 no hospital Centrinho, o que o torna um livro com aspecto de jornalismo literário.

O trabalho disponibiliza, em formato de perfis humanizados, as histórias dos profissionais que contribuem para a reabilitação dos pacientes e busca trazer algo que não foi abordado antes em relação ao hospital bauruense: rotina de trabalho, experiências profissionais e pessoais daqueles que vivenciam e fazem parte da vida de muitas crianças, jovens e adultos com fissuras.

A marca dos Anjos dirige-se, pois, à questão da humanização, conceito idealizado no Centrinho pelo Dr. José Alberto de Souza Freitas, em 1967, o qual é referente à mudança no modo como usuários e trabalhadores da área da saúde interagem entre eles. Proporciona ao leitor o conhecimento de que é possível a humanização nos hospitais públicos do Brasil e o conhecimento de histórias nunca antes mostradas com detalhes.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O New Journalism nasceu nos anos 60, em uma época marcada por profundas mudanças, transgressões e no período onde já se ouviam os primeiros hits dos Beatles, Rolling Stones, Bob Dylan, etc.

A “nova maneira” de fazer jornalismo, que é caracterizada por uma nova textualidade jornalística, apoiada na expressão literária, rica em detalhes e com carácter narrativo, nasceu nos Estados Unidos, país onde provieram as maiores exigências de um jornalismo “objetivo”, ágil e pragmático. Esse fato torna o New Journalism a representação de uma atitude de reação libertária.

Em 1962, Gay Talese publica na revista *Esquire* uma reportagem-perfil sobre o ex-boxeador Joe Louis, texto que se tornaria célebre e um dos marcos de nova tendência. Talese constroi seu texto apoiando-se em diálogos intimistas e realiza um jogo narrativo-expositivo. Através de seu olhar, o leitor conhece um Joe Louis diferente da imagem inatingível e imponente dos ringues.

Em 1963, Jimmy Breslin, em sua coluna do *Herald Tribune*, também constroi um texto jornalístico envolvendo narratividade criativa e observação empírica. Outro nome importante é Tom Wolfe, que escreveu na revista *Esquire* e principalmente no *New York*, suplemento dominical do *Herald Tribune*, elementos do New Journalism e se torna um dos expoentes do jornalismo literário.

Em setembro de 1965 foi publicado, do romancista Truman Capote, *A sangue frio*, que levou o autor a ocupar os principais espaços na mídia, o livro e tornaria um best-seller e um objeto disputado para adaptações cinematográficas. Em paralelo, Norman Mailer também traz em seus textos grandes narrativas jornalísticas com feição de romance.

O New Journalism abalou estruturas da textualidade jornalística e tornou-se “obrigatório” para quem quer conhecer e realizar um livro-reportagem. Diz Marcelo Bulhões em *Jornalismo e literatura em convergência* (2007).

Todavia, o que pode haver de movimento no que ele representou é tomar a palavra como sinônimo de agitação, animação e abalo, pois o New Journalism agitou o epicentro do jornalismo mundial e abalou estruturas fossilizadas da textualidade jornalística. Como um autêntico filme-catástrofe americano, seu impacto fulminante lançou influência em vários países, aclimatando-se depois a realidades nacionais e contextos peculiares, como no caso do Brasil. Baixada a poeira do tempo, transformou-se em parada bibliográfica obrigatória a quem deseja seguir o caminho que desemboca no que se passou a conhecer com o nome de livro-reportagem. (BULHÕES, MARCELO, 2007, p.145)

No Brasil, há influências do New Journalism nas décadas de 60 e 70 em textos da revista *Realidade* (1966), *Jornal da Tarde* (1970).

Com a abertura política, após o AI-5, houve uma necessidade de retratar as realidades sociais do país. A obra *O que é isso companheiro?*, de Fernando Gabeira, mostra o jornalista-guerrilheiro como protagonista da ação. Em 1990, Marcelo Rubens Paiva escreve o romance *Ua Brari*, outro exemplo da narrativa que evidencia a imagem do jornalista como protagonista da ação como um personagem.

Dessa maneira, o jornalismo se move para um campo onde há a possibilidade de se distanciar do espaço efêmero e frágil que são as páginas de um jornal diário. Em busca de certa perpetuidade, alguns jornalistas se aproximaram do formato de livro. Surgem, portanto, os livros-reportagens.

Tal fato, porém, não surgiu na década de 70. Vale ressaltar que na obra do passado, como *A retirada da Laguna* (1871), de Visconde de Taunay, há uma narrativa e descrição dos fatos sobre a Guerra do Paraguai, que representam a mescla do factual (jornalística) com a forma ficcional (literária). Euclides da Cunha, em *Os sertões*, representa a antecipação, em alguma medida, do jornalístico com a forma romanesca.

Contudo, não se pode negar que na década de 1970 muitos nomes escreveram romances-reportagens e retrataram a realidade brasileira em uma espécie de boom literário-jornalístico. Podemos citar *A festa* (1976), de Ivan Ângelo, *Reflexos do baile* (1976), de Antônio Callado, *Lúcio Flávio, o passageiro da agonia* (1975), *Infância dos mortos* (1977), de José Louzeiro, *O*

caso *Lou* (1975), de Carlos Heitor Cony, e *A república dos assassinos* (1976), de Aguinaldo Silva, entre outros.

Na década de 1980, Frei Betto escreve *Batismo de sangue* (1982). Em caráter de denúncia, o autor realiza um dossiê jornalístico-literário sobre a repressão política. Já na década de 90, não se pode deixar de citar Zuenir Ventura. Em seu livro-reportagem *Cidade Perdida* (1994), há uma imersão do jornalista no cotidiano de Vigário Geral, favela que ficou conhecida por uma chacina que aconteceu em 1993, com uma narração que remete à prosa ficcional.

No Brasil, destacam-se produções jornalístico-biográficas, como as de Ruy Castro, Fernando Morais, Jorge Caldeira e Humberto Werneck. Exemplos de obras de Ruy Castro são *O anjo pornográfico* (1992), biografia de Nelson Rodrigues, e *Carmen* (2006), biografia de Carmen Miranda.

Na linha do jornalismo investigativo, um dos expoentes é Caco Barcellos. Caco traz um “jornalismo literário” semelhante em alguns aspectos ao que Truman Capote fez em *A Sangue Frio*. Nos livros *A rota 66* (1992) e *O abusado* (2003), o repórter realiza um jornalismo investigativo, que busca deixar o leitor indignado com a descrição e narração cruéis. A obra, certamente, é escrita com opções narrativas confeccionadas pela tradição de romance.

O sargento Felício e o cabo Martinez, metralhadora na altura da cintura, se afastam para os lados do carro. Apontam na mesma direção do fecho da luz, que provoca cegueira e pavor nos rapazes. Eles usam as mãos para proteger os olhos da iluminação, tentar enxergar alguma coisa. O máximo que eles podem ver, na posição que estão agora, são os cinco pontos de fogo das armas que começaram a disparar contra eles. (BARCELLOS, 1992, p.63).

Atualmente, a jornalista Eliane Brum é um dos principais nomes quando nos referimos ao jornalismo literário. Eliane, que trabalhou no jornal *Zero Hora* e hoje trabalha na *Revista Época*, ganhou, em 1994, o Prêmio Açorianos de Literatura como autora revelação pela obra *Coluna Prestes - O avesso da lenda*. Com o livro *A vida que Ninguém Vê* (2006) foi vencedora do Prêmio

Jabuti, em 2007. A obra, que uma das referências para a produção de *A marca dos Anjos*, traz o olhar sensível de uma jornalista-escritora diante de personagens retomados, em sua maioria, pela precariedade social. Ela escreve uma narrativa que, além de aproximar o leitor para as cenas descritas, faz um jornalismo com ‘cara’ de ficção. A repórter transforma um simples acontecimento em incríveis “crônicas-contos-reportagens”.

Sapo ainda conta que seu sonho é ganhar uma cadeira de rodas. Mas como motor, que é para ele conseguir subir as lombas que hoje escala de quatro, feito bicho. Descubro assim que Sapo quer deixar de ser sapo. Nos despedimos. Ele me convida para um churrasco na Páscoa. Acostumado à tragédia de pagar tudo que tem, inclusive o afeto, diz que se eu concordar em ir, me paga o táxi. Eu digo que não precisa, que vou por gosto. Apertamos as mãos. Eu volto para o alto. (BRUM, 2006, p.63).

Com riqueza de detalhes, liberdade textual, vitalidade na descrição e, conseqüentemente, a aproximação com o duradouro, o livro-reportagem permite ao jornalista apurar os fatos e realizar uma entrevista mais dialogal, humanizada e ter uma aproximação maior com o entrevistado.

2.1 Entrevista

Cremilda Medina afirma em *Entrevista: o Diálogo Possível* (2002) que a entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando, assim, isolamentos grupais, individuais e sociais. Medina cita o autor A. Garret que, em *A entrevista, seu princípios e métodos* (1981), amplia o âmbito dessa prática humana. Um ponto básico de sua teorização é projetar corajosamente a técnica para a arte da entrevista. Garret identifica no entrevistar, acima de tudo, a arte de ouvir, perguntar, conversar:

Todas as pessoas, de uma maneira ou de outra, são envolvidas na entrevista, ora entrevistando, ora sendo entrevistadas. Admite também que qualquer dessas situações

contém aspectos objetivos e subjetivos. (MEDINA apud GARRET, 2002, p.8)

Não se pode negar que nos jornais há prática de uma entrevista cujo objetivo principal é ouvir, perguntar e conversar. Porém, nos livros-reportagens, há um aprofundamento neste processo. Não é mais necessário apenas realizar as perguntas que a pauta sugeriu ou que serão essenciais para aquele fato. O jornalista pode e deve ampliar, se aprofundar.

Nas palavras de Edgar Morin, na obra de Cremilda Medina (2002), a entrevista pode ser classificada em quatro tipos. E, baseando-se nos livros-reportagens já destacados, podemos citar o recurso da entrevista-diálogo.

Em certos casos felizes, a entrevista torna-se diálogo. Este diálogo é mais que uma conversação mundana. É uma busca em comum. O entrevistador e o entrevistado colaboram no sentido de trazer à tona uma verdade que pode dizer respeito à pessoa do entrevistado ou a um problema. (MEDINA apud MORIN, 2002, p.15)

Assim como Medina enfatiza, a entrevista jornalística, em primeira instância, é uma técnica de obtenção de informações que recorre ao particular. Por isso se vale, na maioria das circunstâncias, da fonte individualizada que lhe dá crédito. Por uma distorção de poder nas sociedades, muitas vezes se atribui esse crédito apenas às fontes oficiais, vale dizer, fontes do Poder, seja ele político, econômico, científico ou cultural.

O jornalismo apoiado na literatura enfatizando as obras de Caco Barcellos, Eliane Brum, Gay Talese, traz a possibilidade da não exclusividade das fontes oficiais e, dessa forma, o leitor pode se afastar da unilateralidade da informação, na qual apenas os poderosos ou especialistas falam.

O jornalismo noticioso ortodoxo não admite “luxos” com o indivíduo, como captar um perfil de uma história de vida intimista e revelar comportamentos, valores.

Medina afirma também que a entrevista com “grandes personalidades” e “grandes figuras”, tem raízes históricas mais antigas que o simples perfil intimista.

Desde que se pretendeu implantar o jornalismo de mercado, de venda ampla e garantida, sempre se apelou para a espetacularização, o olimpianismo. Só que após o perfil humano no fim dos anos 60, começo dos anos 70, no Brasil, se esperava a maturidade do aproveitamento do indivíduo como fonte original e única de informação e isso não aconteceu. Veem-se hoje grandes espaços de pseudo-humanização que, de fato, são apenas hinos ao vedetismo dos tipos bem situados na bolsa de valores da sociedade de consumo. (MEDINA, 2002, p.15)

De acordo com Nilson Lage, em *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística* (2001), a entrevista é o procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo. É uma expansão da consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos.

E, de acordo com a classificação dos estudiosos “objetivos” que Lage cita, as entrevistas realizadas nos livros-reportagens e nas obras que exercitam o jornalismo narrativo são “em profundidade”.

Do ponto de vista dos objetivos, as entrevistas podem ser em profundidade: o objetivo da entrevista, aí, não é um tema particular ou um acontecimento específico, mas a figura do entrevistado, a representação de mundo que ele constrói; uma atividade que desenvolve ou um viés de sua maneira de ser, geralmente relacionada com outros aspectos de sua vida. Procura-se construir uma novela ou um ensaio sobre o personagem, a partir de seus próprios depoimentos e impressões. (LAGE, Nilson, 2001, p.74)

Quanto às circunstâncias de realização, as entrevistas são, segundo Nilson Lage classifica, dialogal. Segundo ele, a entrevista marcada com antecipação reúne entrevistado e entrevistador em ambientes controlados.

Entrevistador e entrevistado constroem o tom de sua conversa, que evolui a partir de questões propostas pelo primeiro, mas não se limitam a esses tópicos: permite-se o aprofundamento e detalhamento dos pontos abordados. (LAGE, Nilson, 2001, p.77)

Lage ainda afirma que há diferentes formas de apresentar a entrevista. Segundo sua classificação, o livro *A marca dos Anjos* apresenta o conteúdo em forma de perfil, exposição do entrevistado, em que sentenças que expressam proposições mais gerais ou tópicos frasais presidem outras mais específicas.

Baseado nas narrativas da jornalista Eliane Brum em sua obra *A vida que ninguém vê* (2006), em que a repórter busca acontecimentos, pessoas, que “não viram notícias” e mergulha no cotidiano para provar que não existem vidas comuns, além da obra de Gay Talese *Fama e Anonimato* (1973), na qual há um retrato agudo do universo urbano de Nova York, *A marca dos Anjos* procura captar parte da realidade dos funcionários de um hospital sobre a qual poucos têm conhecimento. Trata-se, ainda, de um ambiente propício para se observar ricas experiências pessoais no Centrinho.

Com o ideal de relatar o cotidiano e a vida pessoal de profissionais que trabalham com a humanização no ambiente hospitalar e fornecem amparo para muitas famílias, o objetivo buscou se consolidar por meio de um livro-reportagem que proporcionasse o efeito de aproximação entre o fato jornalístico e o repórter, liberdade para registrar o fato com detalhes, e trazer personagem perfilado para o primeiro plano, como sugere Sérgio Vilas Boas, em *O Estilo Magazine: o texto em revista* (1996).

[...] o livro-reportagem oferece maior gama de possibilidades e amplitudes. O recurso de ‘documentar’ pode ser usado e abusado. Não há por que tratar o fato ou acontecimento gerador da ‘pauta’ em primeiro plano. Ocorre, isto sim, um desdobramento da ‘situação’ e da ‘questão’ envolvidas. Assim, a matéria ganha em fundamentação e sustentação, pois trata-se de uma coleta de dados ainda mais criteriosa. (VILAS BOAS, 1996, p.93)

Na obra de Vilas Boas (1996), Edvaldo Pereira Lima afirma que a prática do livro-reportagem permite com que ocorra o aprofundamento do tema e que o fato noticioso não se torne efêmero, como acontece em jornais, revistas e em emissoras de rádio e televisão:

O livro-reportagem cumpre um relevante papel, preenchendo os vazios informativos deixados pelo jornal, pela revista, pelas

emissoras de rádio, pelos noticiários de televisão. Mais do que isso, avança para o aprofundamento do nosso tempo, eliminando, parcialmente que seja, o aspecto efêmero da mensagem da atualidade praticada pelos canais cotidianos da informação jornalística. (LIMA apud VILAS BOAS, 1996, p.87)

A marca dos Anjos também está baseada na ideia, proposta por Sérgio Vilas Boas em *Perfis e como escrevê-los* (2003), segundo a qual os perfis são um exercício de sensibilidade, percepção e estilo, além de apontar o “jornalismo literário” como chave para despertar e manter o interesse do leitor.

3. PRODUTO JORNALÍSTICO

A trajetória do livro *A marca dos Anjos* começa em meados de agosto de 2012, quando tive a oportunidade de participar de dois concursos de jornalismo para universitários: o prêmio Novos Talentos do Jornalismo, promovido pelo *Jornal da Cidade* e *Jornal Júnior* da Unesp, e o prêmio de telejornalismo da Cable News Network (CNN).

3.1 Por que o Centrinho?

Para o prêmio Novos Talentos, o candidato podia escolher entre quatro editorias -Ciência e Saúde, Política, Esportes e Geral- e fazer uma reportagem referente à cidade de Bauru. Já para o da CNN, era revelar história de pessoas que fazem a diferença no Brasil.

Pensei em fazer uma reportagem, para ambos os concursos, relacionada à editoria Ciência e Saúde. Após pesquisas, elaborei juntamente com a professora orientadora Mayra Fernanda Ferreira uma pauta que trazia como foco o trabalho desenvolvido no hospital Centrinho, de Bauru.

Eu tinha conhecimento de que a instituição havia colecionado conquistas que renderam premiações no Ministério da Saúde e o reconhecimento como centro de excelência, pois todo o serviço oferecido por meio do Sistema Único de Saúde (SUS). Porém, não conhecia o hospital pessoalmente.

Após contato com a assessoria de imprensa do Centrinho, fui informada de que o hospital já havia beneficiado mais de 88 mil pacientes de quase quatro mil cidades brasileiras desde sua fundação, inclusive pacientes da Bolívia, Colômbia e Argentina.

Mas, além dos tratamentos especializados, soube que são desenvolvidos programas sociais pelo serviço social, os quais têm como objetivo viabilizar o acesso e a continuidade do tratamento de pessoas com anomalias craniofaciais.

Foi então que, focando nos programas desenvolvidos no hospital, fiz uma reportagem que destacou o conceito de humanização, o qual, até então,

era desconhecido por mim. Pude conhecer o que é humanização por meio do trabalho desempenhado por Sheila, contadora de histórias que fica no ambulatório do Centrinho, vestida com fantasias, e proporciona momentos de lazer e alegria para os pacientes.

Sheila me fez ver que a humanização é um dos fatores pelo qual o tratamento do Centrinho é reconhecido, pois o conceito altera o modo como pacientes e trabalhadores da área da saúde interagem entre si.

No Centrinho as atividades de humanização são desenvolvidas desde a década de 70 como a assistência contínua aos pacientes e familiares. Além disso, há distintos programas de humanização, como são “Mãe Acompanhante”, “Projeto Bauru”, “Agentes Multiplicadores: pais coordenadores”, “Carona Amiga”, “Biblioteca Viva” e a ‘Brinquedoteca’.

No final de 2012, minha reportagem foi a vencedora do prêmio Novos Talentos do Jornalismo. Mas, o que me agradou durante o processo dos concursos universitários foi conhecer o trabalho que Sheila realiza no hospital, além de histórias de mães dos mais diversos Estados do Brasil, que trazem seus filhos com fissuras, más formações craniofaciais e deficiência auditiva para a reabilitação. Portanto, o concurso fez que eu me aproximasse de uma realidade antes não conhecida e pudesse conhecer um pouco de humanização.

Em 2013, minha curiosidade em saber quem são os outros funcionários, de onde eles vieram, como foram parar no Centrinho e como é sua rotina de trabalho, despertou a ideia de escrever um livro-reportagem que tratasse da vida dos profissionais da instituição esmiuçando o conceito de humanização.

A opção pelo livro-reportagem deve-se à necessidade de ampliar e aprofundar o tema proposto, diferentemente dos veículos jornalísticos do chamado *hard news*.

O livro-reportagem em torno do perfil foi minha escolha assim que entrei em contato com a obra de Eliane Brum (2006), na qual a descrição e modo de narrar histórias de anônimos que não costumam ser considerados pela grande mídia são feitas com sensibilidade. Além de Eliane Brum, a referência- e

fundamental- é a escrita de Gay Talese, em sua célebre obra *Fama e Anonimato* (1973).

3.2 Público alvo

O público alvo de *A Marca dos Anjos* são os leitores que são interessados por perfis, por conhecer o hospital Centrinho e que tenham interesse em conhecer histórias. Além disso, leitores que buscam por uma fonte de informações para futuras coberturas jornalísticas sobre humanização nos hospitais ou apenas aqueles que querem maior aproximação com pessoas que não têm voz na mídia em uma ampliação do meramente noticioso.

3.3. Projeto Gráfico-editorial

O título *A marca dos Anjos* objetivou captar uma imagem que os profissionais representam, certamente, para os pacientes do Centrinho: anjos. Como anjos, os profissionais do Centrinho acompanham crianças, jovens e adultos na luta por reabilitação. E tais funcionários deixam marcas na vida de muitas pessoas que passam pelo hospital. Ao mesmo tempo, os pacientes também marcam as vidas dos profissionais. Por isso, foi usada a palavra 'marca'.

A linguagem adotada foi a do jornalismo com aspecto literário por proporcionar ao jornalista-escritor mais liberdade, criatividade, narratividade, espaço para detalhes dos fatos retratados e aproximação com o leitor.

O estilo perfil foi escolhido para buscar uma entrevista mais intimista com o entrevistado. Dessa forma, o repórter pode realizar a entrevista-diálogo, onde há uma troca de informações entre o entrevistado e entrevistador e que não se baseia apenas em uma pauta específica. É o diálogo que conduz.

Para a escolha dos entrevistados, foi realizada uma reunião com o assessor de imprensa do Centrinho, Tiago Rodela, onde, após informar que gostaria de conversar com profissionais da recreação, da enfermagem, do serviço social, do setor de manutenção e da diretoria hospitalar, uma lista com

os nomes dos personagens foi feita. A disponibilidade das entrevistas era feita pelo intermédio da assessoria.

Quanto ao projeto gráfico, ele foi desenvolvido juntamente com o diagramador Alexandre Peres, que trabalha no *Jornal da Cidade de Bauru*. Por ser um livro-reportagem que traz perfis, foi decidido que cada capítulo seria um perfil.

Pelo fato da obra trazer narratividade e riqueza de detalhes, foi escolhida a opção de colocar apenas uma foto em preto e branco do entrevistado na abertura do capítulo.

Em todas as aberturas dos perfis, foi colocada uma frase marcante falada durante as entrevistas e uma palavra no canto direito da página que descreve a personalidade do perfilado. Assim, criou-se um padrão em todo o livro.

3.4. Descrição do produto

A *Marca dos Anjos* tem 70 páginas, oito capítulos, além de ter prefácio e posfácio. A obra é composta de papel “*Pólen*”, com tamanho 14x21cm e margens com as seguintes demarcações:

- Superior: 2 cm
- Interna: 1,5cm
- Inferior: 2 cm
- Externa: 1,5 cm
- Sangria: 0,5 cm

A capa do livro-reportagem é projetada em “*Couche*”, sendo a fonte para o título em *Dax Regular*, pois é levemente serifada e associa tom de certo modo grave e, ao mesmo tempo, moderno, sóbrio. Para o subtítulo na contracapa, o uso da fonte *Caslon Pro* é justificado pelo fato de servir como linha fina. A fonte para o meu nome na capa e o texto da sobrecapa foi definida como *Dax Regular* por dar um aspecto sofisticado e que combinasse com a imagem usada.

As medidas em relação à tipografia são:

- Título: *Dax Regular*, corpo 67, entrelinha 70
- Subtítulo: *Caslon Pro Italic*, corpo 20, entrelinha 23
- Nome do autor: *Dax*, corpo 12, entrelinha 13
- Texto na sobrecapa: *Caslon Pro Italic*, corpo 12, entrelinha 13.

Quanto aos capítulos, foi definida uma página com uma fala “marcante” do personagem em fonte *Arial Bold*, corpo 11, entrelinha 13. No canto direito, no espaço em preto, há uma palavra que caracteriza o “personagem”. Para isso, foi escolhida a fonte *Dax Regular* como a ideal em um corpo 47 entrelinha 50. Já para o corpo do texto, foi a fonte *Caslon Pro*, corpo 12 entrelinha 13, pois apresenta serifa, deixa a leitura mais leve e agradável, além do fato de ser padrão na maioria dos livros.

3.5 Fotos

As fotos dos personagens João Antônio, Sheila Garcia e da mãe e filha no capítulo “Depoimentos” foram reproduzidas por máquina fotográfica e são de direitos do autor. As imagens das personagens Isabel Aurélia Lisboa e Maria Inês Gândara são arquivo pessoal. Já a foto da Takemi é do arquivo do Centrinho e a da Maria Irene Bachega, além da foto do hospital, foram concedidas pelo editor de fotografia Quioshi Goto do *Jornal da Cidade de Bauru*.

Para a capa foi feita uma foto especialmente para o livro pelo repórter fotográfico Éder Azevedo, do *Jornal da Cidade de Bauru*. A foto foi realizada em um dos corredores do Centrinho.

A ideia da foto silhueta de duas pessoas alia-se com a palavra “marca” usada no título do livro. A figura andando de costas com as mãos dadas com o paciente também busca associar-se, metaforicamente, à simbologia do anjo.

A arte, para a abertura dos capítulos, usa imagens dos perfilados em preto e branco e envolve uma edição de cores “puxadas” para tons sóbrios, destacando o nome dos capítulos. A cor branca foi usada para contrastar com a cor preta.

3.6 Fontes e entrevistados

Para realizar um perfil de cada profissional, as entrevistas individuais foram primordiais para o processo da feitura do livro-reportagem.

Durante o ano de 2013, as entrevistas foram marcadas com antecedência juntamente com o assessor de imprensa do Centrinho, Tiago Rodela, que entrava em contato com o entrevistado e marcava de acordo com sua disponibilidade. Em seguida, o assessor entrava em contato comigo.

A partir de uma reunião com o Tiago para falar do objetivo do livro, uma lista com os nomes dos entrevistados foi organizada por ele e por mim. Como já havia entrevistado a Sheila, o nome dela foi o primeiro a ser colocado. Os outros personagens foram indicados pelo assessor.

Todas as entrevistas foram realizadas no período da tarde e no hospital, já que era essencial observar o profissional em seu ambiente de trabalho.

A primeira fase das entrevistas com cada perfilado foi feita em uma sala separada, onde foram utilizados apenas um gravador e uma máquina fotográfica. A segunda fase ocorreu nos locais onde os entrevistados exercem suas funções, principalmente no ambiente onde têm contato com os pacientes no dia a dia. Já a terceira foi de observação empírica, em que eu acompanhava, observava, sem intervir, sua relação com os pacientes e sua forma de trabalhar.

Como exemplo para retratar o modo de realização descrita e realizada, as primeiras entrevistas com Takemi foram feitas em uma sala no setor de recreação e, em seguida, na sala de espera, onde Takemi exerce seu trabalho diário, e nas salas onde ela guarda os crochês feitos pelas mães. Para terminar, eu compareci no período da tarde, ficava sentada na sala de espera, juntamente com as mães, para observar a relação delas com a “personagem”.

Após realizar todos os perfis, entrevistei oito mães que estavam no ambulatório do hospital para colocar os depoimentos delas no último capítulo.

3.7 Levantamento bibliográfico

Com a definição do livro-reportagem como gênero propício para retratar as experiências no hospital Centrinho, organizei uma lista de obras obrigatórias para se ter conhecimento de técnicas de reportagem de feição narrativa envolvendo o “jornalismo literário”. Foi necessário, ainda, conhecimento de obras que pudessem auxiliar na forma de realizar uma entrevista “mais dialogal”, que fugisse do padrão dos jornais diários. Além disso, foi necessário o desenvolvimento de um livro-reportagem para uma série de perfis. Era primordial entender como o “jornalismo literário” pode ser uma forma de cativar o leitor.

Assim, conhecer a história de associação jornalismo-literatura e apontar principais obstáculos que fazem a sua prática não ter a inserção necessária, até hoje, é fundamental para que se pense em maneiras de se alterar essa realidade.

Mas, além das pesquisas bibliográficas, foi necessário conhecer a fundo a história do Centrinho, a importância do hospital para o Brasil, o conceito de humanização, os prêmios já recebidos, as mudanças já realizadas na instituição ao longo dos anos e a análise dos principais projetos sociais. O conhecimento do que é o hospital foi essencial para contar a história dos profissionais que fazem da instituição ser reconhecida. Para isso, o assessor de imprensa disponibilizou uma série de releases com informações da instituição e sua história, além dos jornais feitos pela assessoria do hospital.

Um termo de autorização para a divulgação das informações e imagens foi assinado por todos os entrevistados e arquivado na assessoria de imprensa do hospital.

3.8 Custos do Projeto

Impressão final de vinte exemplares do livro: R\$ 210,00.

Total: R\$ 210,00.

Em relação ao projeto gráfico do livro e a fotografia feita para a capa, o diagramador e o fotógrafo não cobraram o serviço. Ambos cederam o trabalho como forma de colaboração e amizade.

Em relação aos livros usados para o processo do trabalho, não foi necessário comprar, já que algumas obras eu já tinha e outras foram emprestadas por colegas de trabalho e pela biblioteca da Unesp.

3.9 Equipamentos utilizados

Para a realização do Projeto foram utilizados um gravador, notebook e uma câmera fotográfica. Todos pertencentes ao autor, não sendo necessário comprar ou emprestar.

3.10 Atividades desenvolvidas

Durante o processo do livro, foram desenvolvidas uma série de entrevistas com os personagens. As perguntas e os temas a serem tratados com os entrevistados - Sheila, João, Takemi, Isabel, Maria Inês e Maria Irene - eram pré-definidos a partir do conhecimento da área do hospital em que trabalham.

A partir da transcrição das gravações e organização dos dados obtidos nas entrevistas exclusivas, do “fichamento” dos principais acontecimentos do hospital, das impressões sobre a interação do personagem com os pacientes, foi possível realizar o desenvolvimento e a narração dos perfis.

Após o processo de compilação de dados, a estrutura e o roteiro do livro *A marca dos Anjos* foram organizados. O texto começou a ser produzido em meados de abril e o processo só se encerrou na segunda quinzena do mês de dezembro, após a revisão e a conclusão da obra propriamente dita, com direito a fotos selecionadas, diagramação e arte planejadas e também uma discussão a respeito do projeto gráfico-editorial do livro.

4. COMENTÁRIOS

A Marca dos Anjos é uma obra que mostra que é possível, sim, produzir conteúdo jornalístico com aspecto literário e não se concentrar apenas no aspecto factual da notícia. Por meio de uma série de perfis dos funcionários do Centrinho, o autor-narrador se aproxima do seu público-alvo de maneira que seus relatos sejam provas de que o fazer jornalístico vai muito além do mero aspecto informativo.

A história do livro começou com duas reportagens realizadas no ano de 2012 para concursos universitários. Na época, não imaginava que a pauta poderia render um prêmio de jornalismo e, posteriormente, um livro-reportagem.

Após andar pelos corredores do Centrinho, ambulatório, salas, setor de recreação, manutenção e sala de enfermaria, pude constatar que histórias incríveis de profissionais, de pacientes e de mães que viajam mais de 20 horas para chegarem até Bauru, podem ser encontradas pelo hospital. Basta ativar o famoso ‘feeling’ jornalístico.

Para o jornalismo, a obra traz informações e conhecimento de como o conceito de humanização é desenvolvido no Centrinho. Mas esse conhecimento vem por meio das histórias e experiências profissionais dos seis funcionários do hospital, algo que ainda não havia sido mostrado pela grande mídia.

A obra também contribui para que o leitor conheça como é o hospital público, que é referência nacional, e para que o jornalismo literário, desenvolvido no Brasil, tenha mais um livro para seu acervo.

A partir a narração intimista e de uma linguagem que buscou a riqueza nos detalhes, o leitor conhecerá histórias de pessoas que marcam a vida de mães, crianças e jovens que passam diariamente pelo Centrinho. Conhecerá histórias de anônimos que têm muito para ensinar.

Certamente, experiências jornalísticas e pessoais foram adquiridas após conhecer profissionais que, apesar de suas dificuldades diárias, continuam dispostos a ser o amparo para muitas famílias. A relação que eles

desenvolvem com os pacientes não fica apenas nas paredes hospitalares. Eles se tornam a família bauruense de muitos que chegam à cidade de Bauru sem conhecer ninguém. Cada um tem uma maneira de agir e trabalhar, mas todos possuem algo em comum: desde jovens já eram envolvidos com trabalhos comunitários ou atividades sociais.

Durante as entrevistas, era fácil observar a propriedade com que falavam de seus trabalhos e o entusiasmo para contar a rotina, a história de vida e as lutas que tiveram para chegarem até ali. Apesar de serem visto como os “anjos” do hospital, eles são pessoas que também passam por dificuldades, tristezas e dias ruins. Porém, todos afirmaram que os “problemas de casa” eram deixados na porta do hospital.

Para o capítulo que traz os depoimentos das mães, conheci mulheres que estão dispostas a acompanhar seus filhos por 18 anos para proporcionarem a reabilitação, ou seja, a convivência na sociedade. Mulheres dos mais diversos lugares do Brasil que têm como objetivo tirar as marcas do rosto de seus filhos e deixar apenas o sorriso.

Não posso deixar de constatar que as experiências jornalísticas ao longo do processo foram marcantes por abranger os conceitos de entrevista e narrativa.

Em relação às entrevistas, por exemplo, cada perfilado tem um estilo e a forma de conduzir a conversa. Para isso, precisei exercer conceitos aprendidos no primeiro ano da faculdade.

Com a entrevistada Sheila, por exemplo, a conversa fluiu muito rápido, pois ela é extrovertida e contou algumas histórias sem mesmo eu perguntar. Já com a Takemi o processo foi mais demorado. Quando a indagava, as respostas eram simples e objetivas. Precisei conquistar a confiança dela, indaga-la com outras questões que não havia formulado para que, ao longo da entrevista, ela pudesse se sentir como se estivesse em uma simples conversa, um diálogo.

Mas, acredito que, apesar de todos os perfilados acrescentarem experiência jornalística, a entrevista com a enfermeira Isabel ficará marcada na

minha carreira como jornalista. Ela foi minha primeira entrevistada que chorou durante minhas perguntas.

Até então, havia entrevistado, para o jornal, pessoas desesperadas em decorrência das chuvas, assaltos ou acidentes. Porém, nenhuma delas havia chorado como Isabel chorou na minha frente. Foi minha primeira experiência que vi que é necessário manter a postura e não chorar junto com o entrevistado. Por mais difícil que foi ver a emoção de Isabel, não chorei.

4.1 Dificuldades

Durante o processo, as dificuldades foram em acompanhar a rotina de trabalho dos profissionais. Devido ao horário deles e a minha disponibilidade em ir ao hospital apenas no período da tarde, precisei de vários dias para poder observar, analisar e constatar como o “personagem” é diante do trabalho. Algumas vezes, por exemplo, as entrevistas foram canceladas.

Outra dificuldade foi pelo fato de que, ao entrevistar as mães no ambulatório, não encontrei alguma que pudesse me falar prós e contras do hospital, ou seja, alguém que contasse alguma dificuldade que teve no Centrinho e superou. Ao indagar sobre isso, todas respondiam que não havia nada do que reclamar sobre tratamento dos filhos, da estrutura e do modo como os funcionários a tratavam.

Já com os funcionários, eles relataram as dificuldades encontradas no dia a dia, mas enfatizavam que todas haviam sido superadas. Um exemplo disso é durante a entrevista com a assistente social Maria Inês Gândara Graciano, quando ela conta que, no início, foi difícil implantar os projetos sociais no hospital, pois parte da equipe resistia.

Outra dificuldade foi pelo fato de ter sido minha primeira experiência no “jornalismo literário”. No início, ainda escrevia a linguagem voltada para a que escrevo todos os dias, que é o *hard news*. Também acrescentava muito adjetivo. Foi ao longo do processo, com o auxílio do professor orientador e das obras indicadas como referência bibliográfica, que a narratividade e a

linguagem ficaram mais ricas em detalhes e próximas do aspecto literário. Além do mais, constatei que escrever um livro necessita de “inspiração” para o dia.

4.2 Considerações finais

Por tudo isso, a realização do projeto deixou claro que jornalista não precisa apenas mostrar as tristes tragédias que cercam nossos cotidianos.

É essencial mostrá-las para a população como forma de gerar opinião pública e oferecer conhecimento sobre o que acontece na cidade. Porém, é importante também dar voz para aquelas pessoas que, pela experiência profissional e pessoal, podem enriquecer a vida de muitos leitores. Histórias de anônimos que, muitas vezes, não têm voz na mídia. Histórias de profissionais que transformam as vidas de crianças, jovens e adultos.

O livro buscou trazer a sensibilidade do repórter diante de histórias de profissionais que lidam todos os dias com famílias e muitas crianças que necessitam de amparo. Buscou mostrar ao leitor que esses funcionários, apesar de suas dificuldades pessoais, tentam tirar a marca do sofrimento, da dor, e colocar o sorriso no rosto de muitos pacientes. Para isso, eles precisam deixar de lado, durante o período do trabalho, suas preocupações, dificuldades e tristezas.

Para mim, como futura jornalista, foi um ganho pessoal e profissional, pois jornalismo é isso: contar histórias. E contar as histórias desses seis perfilados, ouvir mães, pacientes, conhecer o hospital e constatar que é possível realizar a humanização em hospital público, foi simplesmente exercitar o que estudei durante a faculdade e me preparei durante a vida: ser jornalista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARCELLOS, Caco. **Abusado: o dono do Morro Dona Marta**. 15 ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- BACELLOS, Caco. **Rota 66: a história da polícia que mata**. 7 ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.
- BULHÕES, Marcelo Magalhães. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.
- CARVALHO, Rodrigo. **Vivos embaixo da terra: o testemunho de um repórter no resgate histórico dos 33 mineiros no Chile**. São Paulo: Globo, 2011
- COIMBRA, Oswaldo. **O texto da reportagem impressa- um curso sobre sua estrutura**. São Paulo, Editora Ática, 1993.
- GRACIANO, M.I.G., TAVANO, L.D., BACHEGA, M.I. **Aspectos psicossociais da reabilitação**. In: TRINDADE, I.E.K., SILVA FILHO, O.G. **Fissuras labiopalatinas: uma abordagem interdisciplinar**. São Paulo: Santos, 2007.
- KFOURI, A.; MELIGENI, F. **Aqui tem**. São Paulo: Ediouro, 2008.
- KÖNIG, Mauri. **Narrativas de um correspondente de rua**. 1ª ed. Curitiba : Pós-Escrito, 2008
- LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4. ed. São Paulo: Manole, 2008
- LOPES, João Marques. **Saramago-Biografia**. São Paulo, 2010
- MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2002
- BÓSIO, F.; NALESSO, R. **Eterno Xodó: a verdadeira história de Neto, um dos mais irreverentes e polêmicos ídolos do futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2002.
- SILVEIRA, Joel. **A Milésima segunda noite da Avenida Paulista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003

TALESE, Gay. **Fama e Anonimato**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TRUMAM, Capote. **A Sangue Frio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009

VILAS BOAS, Sergio. **O estilo magazine: o texto em revista**. São Paulo: Summus, 1996.

VILAS BOAS, Sergio. **Perfis: Como escrevê-los**. São Paulo, Summus, 2003.

Arquivo digital

VILAS BOAS, Sergio. **Jornalismo Narrativo**. Disponível em: <http://www.sergiovilasboas.com.br/cursos/literatura-sem-invencao/>. Acesso em 16 de julho de 2013.

Reportagem sobre o Hospital Centrinho. Disponível em : <http://redeglobo.globo.com/sp/tvtem/noticia/2012/11/joias-do-interior-centrinho-de-bauru-e-referencia-em-toda-america-latina.html> . Acesso em 10 de maio de 2013.

Página oficial do Hospital Centrinho. Disponível em: <http://www.centrinho.usp.br/> Acesso em: novembro de 2012.

A photograph of a woman and a young child walking away from the camera down a long, brightly lit hallway. The hallway has a polished floor that reflects the overhead lights. The walls are lined with wooden doors and panels. At the end of the hallway, there is a bright light source, possibly a window or a large door, creating a strong backlight effect. The overall mood is contemplative and somewhat somber due to the silhouettes and the perspective.

Paola Patriarca

A Marca dos Anjos

A Marca dos Anjos

*Histórias de funcionários do
hospital Centrinho*

Paola Patriarca

Aos meus pais, João Carlos e Mara

Uma boa contadora de histórias

Um bom jornalista gosta de histórias. De contar, de ouvir, de escrever... Gosta de se emocionar com elas. Quando Paola Patriarca me convidou para prefaciar este livro, ela me disse: contei histórias de pessoas que usam suas mãos para salvar vidas, para aliviar o sofrimento, a dor... Em Bauru, seria difícil encontrar outro lugar que tenha tão boas histórias como o Centrinho. Paola escolheu um bom lugar. E um bom lugar se faz com boas pessoas.

“A Marca dos Anjos” conta a história de vida desses profissionais. Tão acostumados a ouvir as angústias de seus pacientes, neste trabalho eles relatam a sua própria história. Falam de amor, de família, de dores, de encontros e reencontros. Revelam a luta diária em busca da maior qualidade de vida possível.

Gente cuja história de vida se confunde com a dos pacientes, com a do próprio Centrinho, um celeiro de enredos. Mas esse livro não fala de novelas, de filmes, de histórias fictícias. Este trabalho apresenta a vida como ela é. E se ela vem em preto e branco, algumas pessoas se incumbem de trazer a tinta, o lápis de cor, a aquarela... De repente, se descortinam esperanças onde só existia medo.

Medo de não ser forte o suficiente para enfrentar anos, décadas, de tratamento. Medo de ficar amargo diante da infância e da adolescência passadas em mesas de cirurgia e quartos de hospital.

Mas quando se divide esse medo, essa angústia, essa responsabilidade pela recuperação de uma criança com lábio leporino, tudo fica mais fácil.

Às vezes, sozinho você não consegue muita coisa, mas em equipe é diferente. Um conspira pela felicidade do outro e as coisas fluem...

Muitas pessoas criticam os jornalistas. Aham que procuramos histórias sensacionalistas para gerar audiência nas TVs, nas rádios, nos jornais, na web...

Essas pessoas nos conhecem pouco. Queremos encantar com nossas histórias, mas também somos o reflexo da sociedade, que, na maioria das vezes, nos oferece histórias tristes.

Seguimos nosso destino de jornalista contando histórias, simples assim. Nem sempre com final feliz. Que pena para todos nós!

Este livro é uma exceção. Tem boas histórias de pessoas do bem. Gente que se une para costurar junto um final feliz. Paola, a autora, tem um nome de origem latina. Vem do nome de família romano Paulus, que significa “pequena” ou “humilde” em latim.

Todos os dias, eu leio as histórias que a Paola conta. Trabalhamos juntas em um grupo de comunicação. Nelas, essa boa contadora de histórias faz jus ao significado do seu nome. Trata a todos com humildade e consideração. Respeita suas fontes, os personagens das histórias que conta, respeita seus textos. Escreve a verdade. E é a verdade que se passa no coração desses personagens, que ajudam a escrever a história do Centrinho, que você encontrará nas páginas a seguir. Boa leitura!

Márcia Duran – Editora Multimídia do Jornal da Cidade

Sumário

Introdução.....	08
O Centrinho.....	13
Isabel Aurélia Lisboa.....	17
Sheila Garcia Alvares.....	25
João Antônio Correa Souza.....	33
Maria Inês Gândara.....	39
Takemi Fugiwara.....	49
Maria Irene Bachega.....	57
Depoimentos.....	65

Introdução

Quando tinha oito anos já sabia que iria ser médica ou jornalista. Ganhei dos meus pais uma maleta infantil com aparelhos que imitavam aqueles usados para medir os batimentos cardíacos, termômetro e um óculos amarelo, sem lente. Mas, também ganhei um rádio com microfone, que era gravador. Na época, era a sensação para as crianças, pois era todo colorido. O pequeno microfone era branco e vermelho. Já os fios que ligavam ao rádio eram amarelos.

Para outras crianças o pequeno gravador pode ter sido mais um brinquedo. Para mim, tinha um significado especial. Desde o dia em que o ganhei, passei a interessar por “entrevistar” pessoas, mesmo que naquela época fossem apenas meus familiares. Colocava a fita no rádio e me preparava para contar histórias e ouvi-las.

“Entrevistava” meus avós e pedia para contarem histórias, mesmo que fossem piadas, alguma receita de bolo. Mas que me contassem algo. Para meus pais, fazia perguntas curiosas referentes ao dia a dia: como foi o trabalho, o que estavam fazendo naquele momento. Todas essas histórias faziam parte do meu “programa de rádio”.

Meus pais contam que tinham dias que precisavam dar uma pausa no meu entusiasmo em fazer perguntas e gravar. Minha mãe fala que, enquanto fazia o jantar, eu ficava atrás

dela com o pequeno gravador infantil. Pedia para ela falar passo a passo da receita.

Acredito que, apesar de ser criança e, para mim, ser tudo brincadeira, fui crescendo com interesse em ouvir e contar histórias. Histórias de pessoas a quem, muitas vezes, não damos oportunidades de ouvi-las. Fui crescendo com o costume de olhar algum fato e poder contá-lo.

Na adolescência isso ficou mais forte quando comecei a participar de um jornal da escola. Fazia a coluna ‘tribuna do estudante’. Nos intervalos das aulas, descia ao pátio e pedia para estudantes me contarem suas opiniões sobre algum assunto que estava “em pauta” na mídia.

A vontade em conhecer pessoas, histórias e poder contá-las só aumentou com os anos. Acredito que o jornalismo esteve presente em toda a minha vida. A curiosidade de saber dos outros fez com que escolhesse ser jornalista.

Porém, apesar de escolher o jornalismo, nunca deixei de me interessar por assuntos relacionados à medicina. As histórias e trabalhos voluntários desenvolvidos em hospitais sempre foram atrativos para mim. Mas, a história com o Hospital de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais de Bauru, o Centrinho, começou em 2012, quando tive a oportunidade de fazer uma reportagem no hospital.

A pauta era para um concurso para estudantes de jornalismo e teria de mostrar algo “interessante” que havia na sua cidade. Escolhi a editoria ciência e saúde.

Já tinha ouvido falar muito bem do trabalho desenvolvido no hospital Centrinho, mas não o conhecia de fato. Fui visitar a instituição e, após contato com a assessoria de imprensa, tive a oportunidade de conhecer a funcionária Sheila: uma contadora de histórias que fica no ambulatório do Centrinho com livros e fantoches para crianças que são pacientes.

A pauta chamou minha atenção e fiz a reportagem. Para minha surpresa, ela foi a vencedora do prêmio.

Mas, após fazer a matéria, senti que precisava conhecer melhor aquele ambiente. Minha curiosidade falou mais alto. Precisava conhecer mais o Centrinho e os profissionais que fazem daquele centro

de especialização ser renomado.

Estive, pois, entusiasmada em conhecer a rotina desses profissionais. Saber quem são, de onde vieram, como foram parar no Centrinho e o que os motiva todos os dias.

A cada passo nos corredores que dei durante um ano, posso afirmar que renovei minha mente e meus conceitos sobre o que é viver com esperança.

Nos corredores, ouvi histórias de mulheres que lutam para que a marca do sorriso apareça no rosto de suas crianças e, para isso, necessitam viajar mais de 10 horas para ir até Bauru.

Mas, apesar dessas mães estarem longe de suas casas, muitas vezes com medo e angústia, não estão sozinhas na busca pela reabilitação. Todos os dias, lá estão eles: os “anjos” do hospital.

Cada um demonstra o ‘saber amar’ do seu modo, seja por meio de contação de histórias, o ensinar de um crochê, um brinquedo de madeira, pesquisas feitas para implantar projetos no hospital ou até mesmo um abraço.

A maioria dos funcionários não teve infância rica, com as oportunidades batendo em suas portas. Foram eles que correram atrás para fazer o percurso de suas histórias.

Como dizia Jorge Amado, “escrever é transmitir vida, emoção, o que conheço e sei, minha experiência e forma de ver a vida”. Neste trabalho, busco transmitir o que realmente senti naquele hospital. Transmitir o que aprendi com esses profissionais que você, leitor, irá conhecer nos próximos capítulos.

Fundado em 1967, o hospital Centrinho já beneficiou mais de 88 mil pacientes de quase quatro mil cidades brasileiras





Capítulo 1

O Centrinho

O Centrinho

Todos os dias ônibus, ambulâncias, carros e motocicletas, com placas de diversos lugares do Brasil, chegam a Bauru trazendo pacientes e seus familiares. O destino? O Hospital de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais da Universidade de São Paulo, mais conhecido como Centrinho.

O Centrinho é uma instituição pública e pioneira no atendimento a pessoas com fissuras labiopalatinas (fenda no lábio ou céu da boca), deficiência auditiva e deformidades do crânio e da face.

O hospital já beneficiou mais de 88 mil pacientes de quase quatro mil cidades brasileiras desde sua fundação, em 1967. Além do Brasil, já foram atendidos pacientes da Bolívia, Colômbia e Argentina.

Sua história começa numa sala da Faculdade de Odontologia (FOB) da Universidade de São Paulo. Inicialmente, havia 20 pacientes para o tratamento de fissura. Porém, após uma pesquisa realizada em 1965, foram identificadas 650 crianças nascidas em Bauru com anomalia congênita labiopalatina. Após estudos e pesquisas, nasceu o Centro de Pesquisa e Reabilitação de Lesões Labiopalatais.

O Centro, mais conhecido pelo seu diminutivo Centrinho, passou a ter apoio de professores da FOB e, em 1976, se transformou em uma unidade hospitalar autônoma. Em 1980, o Centrinho tornou-se o primeiro hospital universitário do Estado de São Paulo a ser conveniado com o Inamps (Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social).

Ao longo dos anos, a instituição colecionou conquistas que lhe renderam premiações do Ministério da Saúde e o reconhecimento como centro de excelência dentro e fora do Brasil.

O hospital oferece, através do Sistema Único de Saúde (SUS), tratamento especializado nas áreas de anomalias craniofaciais, síndromes raras correlatas às anomalias atendidas e deficiências auditivas.

Além dos tratamentos especializados, são desenvolvidos programas de serviço social, os quais têm como objetivo viabilizar o acesso e a continuidade do tratamento de pessoas com anomalias craniofaciais.

Dessa forma, visa-se a inclusão do paciente numa política de saúde em interface com a assistência social. Exemplos dessa busca pela inclusão são parcerias com as Prefeituras Municipais, com Promotorias Públicas e o programa ‘carona amiga’, que facilita o transporte para pacientes chegarem até o hospital.

O Centrinho conta com 730 profissionais que trabalham pela reabilitação aos pacientes de uma forma humanizada. Em 2012, o hospital ganhou o Prêmio Saúde pela editora Abril.

Ciência e humanização

A humanização é um dos fatores pelo qual o tratamento do Centrinho é reconhecido. Na saúde, a humanização implica na mudança da gestão nos sistemas de saúde e seus serviços. Essa mudança altera o modo como usuários e trabalhadores da área da saúde interagem entre eles.

No caso do Centrinho, altera o modo como os funcionários atuam com os pacientes. Em 2003, foi lançado a HumanizaSUS, que representa a Política Nacional de Humanização (PNH), que tem como objetivo melhorar o Sistema Único de Saúde.

No Centrinho, por exemplo, as atividades de humanização são desenvolvidas desde a década de 70 como a assistência continua aos pacientes e familiares. Além disso, encontram-se programas de humanização, como: “Mãe Acompanhante”, “Projeto Bauru”, “Agentes Multiplicadores: pais coordenadores”, “Carona amiga”, “Biblioteca Viva” e a ‘brinquedoteca’. Para os funcionários, a humanização é uma filosofia institucional.



**“ Se você não for uma
pessoa feliz, não vai
conseguir transmitir
alegria para ninguém ”**



Capítulo 2

O abraço

Isabel Aurélia Lisboa

Um exame. O resultado escrito em um papel que poderá mudar a vida de uma mulher para sempre. A palavra 'positivo'. Quando descobrem que serão mães, algumas mulheres choram, outras pulam de alegria e tem casos de algumas ficarem tão desorientadas que não sabem o que fazer. Neste momento, acredito que mil coisas passam pela mente, como dúvidas, anseios e projetos para o futuro.

No mundo, todos os dias resultados mudam as vidas de mulheres e de famílias. Todos os dias mulheres vão aos médicos para a primeira consulta e para o primeiro ultrassom, mas, em uma dessas consultas ou até mesmo na hora do parto, a descoberta. O filho nascerá com má formação craniofacial ou com fissura nos lábios.

A sensação imediata? Choro. Tristeza. Angústia. Questionamentos. Os sentimentos de felicidade se misturam com os de tristeza. A alegria de ser mãe passa a ser dividida com a angústia de saber que seu filho será portador de uma deficiência e que ele precisará de assistência médica. Será dividida com a tristeza de saber que o tratamento pode durar 18 anos.

Sim. São 18 anos. Não são apenas alguns meses, algumas horas. Repito, 18 anos.

As causas das fissuras ainda não são definidas. Em alguns casos é devido à genética, mas em outros não há uma explicação concreta, apesar dos estudos desenvolvidos.

Quando essas mulheres descobrem, o mundo para. Elas não sabem o que fazer. Não sabem como será o futuro. Apenas sabem que o tratamento é em Bauru, no Centrinho.

Para muitas, Bauru é uma cidade próxima. Em compensação para outras, são mais de 700 quilômetros que serão percorridos em busca da reabilitação e de um sorriso sem marcas de sofrimento.

No Centrinho, elas chegam desorientadas e chorando. Sem esperança e, muitas vezes, desacreditadas na reabilitação.

Mas, lá está ela: a anjo da guarda das mães. A enfermeira que dedicou 24 anos de sua vida para ser o amparo para muitas famílias. A enfermeira que não é somente uma profissional. É a amiga Isabel Aurélia Lisboa.

Isabel ou Tia Bel, como é conhecida, tem 55 anos. É uma mulher com altura mediana, loira, usa óculos e está sempre sorridente. Nasceu

em Lavínia, Estado de São Paulo. Seu pai era pecuarista e sua mãe, dona de casa. Faz 30 anos que é formada em enfermagem.

Solteira, mora há 12 anos com seu gato persa, Boris. Para ela, é seu melhor amigo e que a compreende em tudo. Filhos? Biológicos ela não tem, mas de coração Isabel tem mais de 25 mil.

Aos 22 anos veio para Bauru estudar. Na época, seu pai não queria que fizesse enfermagem. Queria que Isabel estudasse odontologia ou medicina. A jovem até prestou vestibular nessas duas áreas, mas ela não queria. A paixão mesmo era ser enfermeira.

Esse amor pela profissão aflorou quando seu avô estava internado. Isabel entrou no hospital e observou as enfermeiras. Logo se encantou com o trabalho e, desde então, sabia o que iria ser no futuro.

No início Isabel não queria trabalhar na pediatria. Ao sair da faculdade, desejava trabalhar com adultos. Mas, as gestantes e mais de 20 mil crianças pacientes estavam à sua espera.

Primeiro dia de estágio no Hospital de Base de Bauru. Isabel, crente que iria para a ala dos idosos, foi surpreendida. A estudante foi para a pediatria. Foi ali onde tudo começou. Ela aprendeu mais sobre a profissão, ganhou experiência.

Em 1989 ela passou no concurso do Centrinho, onde trabalha desde então. Começou como auxiliar na área assistencial e hoje é chefe de enfermagem do hospital. Seu trabalho exige dedicação, esforço e, claro, um bom psicológico.

Isabel trabalha, desde 2004, no atendimento para as gestantes e para as mães que acabaram de ganhar seu bebê com fissuras. Cada mulher tem uma reação quando chega ao hospital, principalmente quando é o primeiro filho que nasceu com deficiência.

A recepção do ambulatório tem o nome da gestante. Quando ela chega, é chamada e uma funcionária a encaminha para a enfermaria. Isabel desce para fazer o atendimento e ensina as mães como cuidar do bebê, como alimentar e toda a parte de higienização.

Muitas vezes as mães chegam com os bebês sem saber como alimentá-los. Isabel, com todo cuidado e carinho, mostra, ensina. Quando as mães aprendem a dar mamar, ficam emocionadas.

A primeira vez que a mãe chega ao hospital é de extrema importância. As enfermeiras precisam encontrá-las com sorriso e um abraço

acolhedor. As mães chegam com muitas dúvidas como ‘quando meu filho vai operar?’, vai falar?’ ou ‘vai nascer dente?’.

- Como deve ser o atendimento das gestantes na enfermaria?

- Você não pode ser muito fria. A mãe vem aqui à procura de muitas coisas. Quando elas sentam, elas começam a chorar. Eu sempre falo para todos os casais que Deus não dá um fardo que você não pode carregar. Se Deus te deu um bebê com uma fissura, é porque você tem o dom de cuidar, senão Deus não daria.

As dúvidas são tiradas e Isabel sempre faz a pergunta se as gestantes querem ver um bebê fissurado.

A maioria delas, quando descobre o diagnóstico, vai direto para a internet e vê fotos das fissuras mais graves. Assim, a equipe procura mostrar bebês com fissuras menores. Quando Isabel entra com o bebê e eles riem, as mães choram de emoção. O choro toma conta da sala.

- Após a primeira visita, as mães ficam mais aliviadas?

- A gente pensa que se fizesse uma foto na hora que o casal entra no hospital e quando ele sai mostraria como é totalmente diferente o semblante. Quando os pais chegam, o semblante é de medo, pois quando você recebe o diagnóstico é um choque. Tem o choque, a negação e o questionamento a Deus. Eles veem até nós. Se o casal não chorou tudo o que tinha que chorar, ele chora no hospital. Depois que tem a organização das emoções, o aprendizado, o casal vai se reorganizar para esperar o bebê.

Isabel tornou amiga de muitas mães e pacientes. Ela viu muitas crianças se tornarem adultas e tem foto com quase todos os pacientes do hospital. Eles têm o maior prazer que a Tia Bel tire uma foto.

E a enfermeira se recorda de todos. Ao longo das entrevistas, Isabel ia me falando nomes de crianças que a marcaram, como o Antônio Pedro, de Maceió, a Gabriela, de Campinas e a Cecília, do Mato Grosso.

- Esse carisma é uma coisa que ninguém vai tirar de mim. Quando assumi a diretoria, eu falei que não queria deixar de atender as gestantes. Só neste ano, atendemos mais de 28.

E carisma Isabel tem de sobra. Para a funcionária, o essencial é sempre tratar o próximo como ela gostaria de ser tratada. Mas toda essa força e vontade de ajudar ultrapassam os limites das paredes do hospital.

Isabel participa da ONG 'Fala Sorriso' no Amazonas. Desde 2010, a ONG cuida de fissurados no interior do Estado. Participam cirurgiões, dentistas, psicólogos e instrumentadores. Em Outubro, Isabel entrou em férias. Momento para descansar? Também. Mas logo na primeira semana o objetivo mesmo foi tirar esse tempo para ajudar pacientes carentes no município de Coari.

- Lá você faz tudo. Fazemos uma parte assistencial e também cirurgias. É muito gratificante o projeto da ONG. A gratidão do paciente é algo indescritível. Lá eles são muito carentes, muito pobres mesmo. Não têm nada. Então, o pouco que você leva, para eles é muito.

E nessas viagens, Isabel se recorda de quando o pai de um menino, em Manaus, levou cinco pacientes para serem atendidos pela ONG. Mas, para chegar ao hospital, ele levou três dias de barco.

- Eu fico encantada com a força de vontade deles. Esse pai fez a travessia do rio Solimões e levou as crianças. Os pacientes dessa região não têm condição de chegar ao Centrinho, pois são muito, mas muito carentes.

Isabel gosta da natureza e na ONG tem que gostar de mato, calor, e não se importar em não ter regalias.

- Lá tudo é muito simples. As primeiras vezes que eu fui tomei banho gelado. Não tinha ar condicionado e a comida não era a das melhores. Mas, quando você volta, você vem cheio de energias. Você dá valor para pequenas coisas.

- Para você, o que significa levar alegria?

- Se você não for uma pessoa feliz, não vai conseguir transmitir alegria para ninguém. Então, quando eu chego ao meu trabalho, tenho que estar bem. Se eu tiver um problema em casa, tenho que deixá-lo no estacionamento do carro, entrar no local de trabalho e começar o meu dia da melhor maneira possível.

E não são apenas palavras. O trabalho de Isabel causa admiração por parte das mães, pois leva alegria e consolo para mulheres, maridos e famílias que chegam com pensamentos negativos.

Mas, toda essa garra e força em levar esperança, alegria e ser suporte para muitos pais e pacientes do hospital não nos deixam imaginar que Isabel fez e faz tudo isso mesmo após passar por caminhos de lutas, de sacrifícios, de angústia e de tristeza. Ela teve que lembrar o seu

próprio lema de ser forte, de ter esperança e de vencer os obstáculos que a vida traz.

Há dois anos Isabel recebeu um diagnóstico. Câncer de mama. Ficou sete meses afastada do hospital e, na época, não contou para ninguém da família. Apenas contou para duas amigas, que a acompanharam nas consultas.

Foram meses chorando. Meses de questionamentos. Isabel não sabia o que fazer. Precisava fazer uma cirurgia o quanto antes.

Foi quando percebeu que era necessário contar para as irmãs. Com receio de dizer a verdade para a mãe, as irmãs falaram que Isabel tinha um cisto e ia fazer uma plástica. Todas vieram para Bauru.

Dez dias depois da cirurgia, Isabel precisou fazer 30 sessões de radioterapia. Para ela, foi um alívio não ter que fazer quimioterapia. Foi só aí que a mãe ficou sabendo da doença. Com a notícia, a mãe passou mal.

Enquanto contava sua história para mim, lágrimas escorriam pelo rosto de Isabel. A voz sumiu. Eram apenas lágrimas e o silêncio.

Isabel retirou os óculos para limpá-los.

- A comparação que eu faço é que a sensação que eu tive é a mesma quando uma mãe recebe o diagnóstico de uma criança fisurada. Você fica sem chão, questiona Deus e pergunta 'por que eu?'. Mas só com o passar do tempo que você entende que o que você tem que passar aqui ninguém passa por você. Eu tinha que passar. Venci. Estou curada.

A admiração pela enfermagem é nítida na vida de Isabel. A vida dela foi dedicada aos pacientes. E hoje, ela continua disposta a passar alegria e tranquilidade para todas as mães que chegam ao hospital sem esperança. Para crianças carentes do Amazonas.

Sua cura tornou-se motivação para todos ao seu redor. A valorização da vida fica evidente quando você vê a Tia Bel abraçada com as mães dizendo:

- Vocês vão vencer como eu venci. Quando a gente tem fé, a gente vence. Tem que ter fé, Deus no coração. Aí você consegue.



“ Não é missão só pelo fato de estar ajudando as pessoas. É também a missão de estar aprendendo e tolerando ”



Capítulo 3

O sorriso

Sheila Garcia Alvares

Pode ser comum nas escolas a cena de crianças em uma roda, ouvindo histórias infantis, rindo com os fantoches. Mas ela também é diária no Hospital de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais da Universidade de São Paulo em Bauru, o Centrinho.

O projeto de recreação acontece todos os dias no ambulatório. No meio daquele ambiente, onde mães e pais esperam os filhos serem atendidos, você pode encontrar crianças rindo sentadas em uma roda com cadeiras laranjas.

Os olhares delas são fixos para uma única pessoa: uma jovem sorridente, de cabelos longos, pretos, com roupas rosa e branco, além de um chapéu grande amarelo com detalhes vermelhos. Em suas mãos, duas galinhas de fantoches que conversam com as crianças. Ao lado, vários livros infantis e uma caixa com mais fantoches. As risadas não param. Até as mães caem na gargalhada.

É nesse cenário que há cinco anos Sheila Garcia Alvares trabalha como técnica de apoio educativo no hospital. Diariamente, ela encanta as crianças contando histórias com mímicas, fantoches e livros. Sempre com fantasias coloridas e muita maquiagem.

Sheila tem 33 anos, é casada e tem um filho de três anos. Nasceu em Marília, interior de São Paulo, mas mudou para Bauru ainda criança, cidade em que seus pais nasceram. Em Bauru, ela morou alguns anos em um bairro próximo a uma favela. Seu pai era policial militar e sua mãe vendia doces e foi cabelereira. Para Sheila, uma vida de “exemplo e luta”.

Sheila começou a trabalhar aos 14 anos como babá. Aos 16, entrou em um supermercado para ser auxiliadora nas entregas de cestas básicas. Pela desenvoltura e bom desempenho, o proprietário do mercado a chamou para trabalhar no escritório. Até que gostou da área administrativa, mas sempre quis ser professora.

O pai, como todo policial militar, educou Sheila com disciplina e senso de hierarquia. Para ir à escola, a garota era acordada com uma trombeta; e visitava frequentemente o quartel.

- Você cresceu em uma infância com muita disciplina?

- Era muita disciplina, mas nada de repressão. Meu pai falava que preferia que eu o chamasse de “você” do que de “senhor”. Ele falava que se o ‘você’ transmitisse respeito, era isso que ele queria: o verda-

deiro respeito. Ele sempre foi muito caridoso e me mostrou como é ajudar ao próximo.

No natal, todo ano Sheila acompanhava seu pai na organização de uma “pizzada” para todos os coletores de lixo. Na páscoa, entregavam colômbas e ovos.

- Eu cresci vendo meu pai ajudar. O caminhão do lixo parava e todos os garis jantavam com a minha família uns dias antes do natal.

Em 1999 começou o curso de história na Universidade Estadual Paulista (Unesp), em Assis. Formou-se em 2001 e, dois anos depois, entrou para o mestrado em história social, formando-se em 2005. Em 2006 voltou para Bauru e começou a trabalhar em uma universidade particular. Nesse ano, em seu primeiro emprego como professora de Filosofia para a turma de Serviço Social, entrou em depressão.

- O que houve?

- Não sei o que aconteceu, fiquei bem triste, desanimada. Uma sensação ruim.

- Não gostava do ambiente de trabalho?

- Eu fiquei desanimada, triste, mas não sei o que aconteceu. Não queria trabalhar mais lá. Engraçado que fui eleita uma das melhores professoras, os alunos gostavam muito de mim.

- Quanto tempo ficou em depressão?

- Eu fiz tratamento e em 2007, graças a Deus, sarei. Fui para outra faculdade e comecei a dar aula de Realidade Socioeconômica Política Brasileira para a turma de publicidade e História Geral para a turma de turismo. Até hoje eu tenho contato com os alunos.

Em 2008, Sheila prestou o concurso da USP para trabalhar no Centrinho.

- Eu pedia para Deus perguntando: “Deus, aonde o senhor quer que eu vá? Me mostra. Eu quero trabalhar e ganhar dinheiro, mas quero ser realizada”.

O resultado do concurso saiu. Eram apenas duas vagas e Sheila ficou em terceiro lugar.

- Quando saiu a lista eu chorei e falei: “Deus, na trave”. Eu também pensava que se for para ser, iria ser. Eu estudei bastante, tinha todo um perfil.

Uma das pessoas que foi chamada não se adaptou com a filosofia de humanização. Pediu para sair e Sheila foi chamada.

- Qual foi a sensação de ter visto seu nome na lista?

- Nossa, eu chorei muito. Chorei demais. Agradei muito a Deus. Dava aula, mas eu sentia preconceito, porque ser professor de universidade tem status, mas financeiramente você não pode comprar a prazo, pois vinha aquele salário por aula. Não dava para fazer nada. E aí, deu certo no Centrinho. Sou tão suspeita, mas eu amo esse lugar, isso aqui é meu lugar.

- Você pensa em voltar a lecionar?

- Talvez eu volte a lecionar, mas quando meu filho estiver maior. Não posso ficar o dia todo aqui e à noite dar aula e deixar meu filho. Seria paradoxal. Tenho a pedagogia do amor, olho as crianças aqui, sou tão humana, mas deixo meu filho com a babá. Mas, quando ele crescer, eu penso em voltar sim.

- Como foi seu primeiro dia no Centrinho?

- Foi emocionante. Eu conheci o Tio Gastão. No início fiquei com vergonha quando fui me apresentar a ele. Eu falei “muito prazer”, mas ele veio e falou: “Ah filha, que isso, dá um abraço, seja bem-vinda, eu sou o tio. Aqui todo mundo é tio e tia”. Eu fui tão formal e ele me respondeu com um abraço.

Naquele momento a nova funcionária percebeu que no Centrinho havia algo diferente. Havia a relação de humanização.

- Meu primeiro dia foi logo com o fundador. Foi top. O Centrinho é o projeto de vida dele.

Sheila começou a trabalhar no coração do hospital: a recreação. Durante a semana, a recreação é dividida em vários setores e em várias salas. Tudo é separado de acordo com cada necessidade e para cada público.

Na recreação você sente que está em uma escola. Na brinquedoteca, por exemplo, é para as crianças até 12 anos, há desenhos de árvores, flores e estrelas colados nas paredes. Logo que você entra já dá para ver um sofá laranja, onde as mães ficam sentadas vendo seus filhos brincarem. No canto esquerdo, há fantasias para as crianças usarem. São roupas de princesas, fadas e palhaços, que ficam penduradas em cabides. Ao lado das fantasias, mais um sofá azul.

Ao olhar para a direita, há um grande espelho e três armários de madeira, um pouco desbotados, nas cores rosa e azul. No centro, bonecas sentadas em pequenas mesas e um rádio sempre ligado, tocando músicas infantis ou mesmo um “Poeira” de Ivete Sangalo.

No outro lado da sala, uma enorme mesa ao centro com cadeiras brancas. Ao lado, mais mesas. Lá, as crianças desenham e brincam com diversos brinquedos de madeira, como um enorme jogo da dama com peças nas cores vermelhas e amarelas, ou com quebra-cabeças.

No fundo da sala fica o espaço de adereços teatrais, onde a Sheila e outras educadoras se trocam. Na sala há mais de 30 fantasias feitas pelas costureiras do hospital. São vestidos de princesas nas cores amarelo e roxo, vestidos da Branca de Neve, fantasias de Peter Pan e Chapeuzinho Vermelho. Há também estojos de maquiagens, com sombras em cores fortes e brilhantes, batons rosa e vermelho e no armário, adereços como chapéus, colares, brincos, luvas, pulseiras.

- O hospital tem como filosofia de que a criança não fique no quarto após cirurgia. As crianças fazem atividades e jogos que distraem suas mentes e as aliviam do estresse. Temos também a sala de espera, que é só para os pais, enquanto os filhos estão operando. É uma sala para chorarem, dividirem suas experiências e desabafarem.

Adolescentes e adultos também têm seus espaços na recreação. Há uma sala de jogos com um espelho enorme na parede e um palco. Lá, são feitas dinâmicas em grupo e teatro. Não há brinquedos.

O setor de recreação ainda tem uma sala, onde fica um armário de madeira. Nele, estão diversos livros infantis que são usados para a contação de história no ambulatório. Na escolha do livro, a contadora diz que sempre se preocupa em separar aquele que possa atender a todo tipo de público.

- Se eu não sei quem vou encontrar no ambulatório, levo livros para bebês, para as crianças menores e infanto-juvenis. Por exemplo, para as crianças menores, utilizamos os livros interativos e coloridos. É muito importante você contar uma história de que goste, pois a emoção é sentida por elas. É gratificante ver uma criança que estava chorosa e irritada se aliviando e rindo conosco. Eu fico feliz por contribuir com a reabilitação deles, para fazer o dia deles mais feliz.

São dez técnicas de apoio educacional que trabalham na recre-

ação em esquema de escala. Então, tem semana que Sheila fica na contação de história, outra na brinquedoteca.

- Durante esses cinco anos de trabalho, o que é mais recompensador?

- Contribuir para a reabilitação das pessoas. Tornar o dia delas um pouco mais feliz. A partir do momento em que você vai trabalhando e fazendo atividades com aquela mãe nervosa ou com uma criança chorosa, é notável na feição a mudança. A criança para de reclamar de dor e a mãe consegue relaxar. Então, o mais recompensador é transformar esses momentos de tensão e sofrimento em um momento mais agradável. Não vou dizer que é um momento feliz, é um momento de tensão, mas o tornamos mais agradável e de alegria.

- Tem que ter um bom psicológico para trabalhar aqui?

- Tem sim. Tudo o que é diferente assusta um pouco, eu não posso ser hipócrita. Você olha aquelas crianças com as fissuras, outras anomalias craniofaciais, como crianças sem orelha ou sem um olho. Por isso, tem que ter um preparo psicológico sim.

- Ao ver as crianças com fissuras, você já chorou?

- Já chorei, mas nunca na frente das mães. Quem vem aqui quer ser acolhido e ser ajudado. Mas teve uma situação específica que eu tive que sair e chorei no banheiro. Comecei a questionar o porquê.

- Que situação?

- Eu cheguei e tinha muita criança chorando na brinquedoteca. Fiquei muito com eles, conversando com as mães e brincando. Mas nesse dia eu fui para a cozinha e chorei. A equipe veio e eu falava: e se fosse eu? Esvaziei, chorei e depois voltei com o pensamento: “vamos lá, vamos ajudar”.

Mesmo trabalhando há cinco anos e acostumada com as fissuras das crianças, Sheila confessa que muitas vezes já pensou nos porquês de muitas delas nascerem com esses problemas.

- Não tem uma causa específica da fissura aparecer nas crianças e já que a gente não entende os porquês, vamos ajudar.

Além de contar histórias para os pacientes do Centrinho, Sheila também se fantasia para contar ao filho histórias infantis. Uma tarde, após sair do Centrinho, teve uma ideia para animar o filho. Foi para casa fantasiada de palhaço, com uma peruca colorida que atingia o teto do carro. Durante o trajeto, pedestres e outros motoristas olha-

vam para Sheila e a cumprimentavam. Outros davam risada. Claro que Sheila incorporou o palhaço e dava 'tchau' para todos.

- Já fui várias vezes fantasiada para a casa para contar história e brincar com o meu filho para ele ter um momento comigo. Ele já até sabe e fala "mamãe de palhaço" ou então a "mamãe de fada".

Enquanto conversávamos em uma das salas do setor de recreação, crianças paravam na porta para dar 'oi' para a tia Sheila. Ela abria aquele sorriso e não deixava de retribuir o cumprimento.

- Você acredita que o Centrinho impulsionou o seu lado maternal?

- Eu acho que sim. Eu sempre tive esse lado maternal, eu sempre gostei de criança, mas aqui aflora mais. Você pega os bebês no colo, porque a primeira cirurgia é com três meses. Por exemplo, a mãe que amamenta, ela não pode pegar o bebê no colo quando ele chora, porque o cheiro do leite materno para o bebê é como se a gente estivesse ao lado de uma churrascaria. Ele sente aquele absurdo de cheiro. Então ele grita, ele sofre mais. A gente é que tem que tirar o bebê e segurá-lo. Então, eu curto demais. Eu pego todos no colo.

As crianças sempre a param no ambulatório para abraçá-la, beijá-la. E não são só visitas que Sheila recebe. A funcionária tem uma lista de presentes que já ganhou das mães e dos pacientes, como perfumes, roupas, fotos e pelúcia. Em sua página na rede social, Sheila posta fotos dos presentes.

- Você é feliz?

- Eu sou feliz, sinto-me agraciada. Sou muito feliz. Eu sempre falo que para mim isso é uma missão. Não é missão só pelo fato de estar ajudando as pessoas. É também a missão de estar aprendendo e tolerando. Sou feliz demais. Aqui é minha vida.

“ Não tem difícil. Quando
você tem o objetivo você
faz. Não existe coisa
difícil. Existe vontade ”



Capítulo 4

O artista



João Antônio Correa Souza

Um menino com o agasalho do Centrinho na sala de recreação sentado na mesa central. Olhos fixos para grandes peças vermelhas de um jogo de damas sobre a mesa. Do outro lado, uma menina também concentrada e seu olhar é para as peças amarelas. A preocupação dos dois é quem irá vencer o jogo.

Na mesma sala, uma mãe de paciente brinca com um jogo chamado 'resta um', em que o jogador tem de separar as peças do tabuleiro rapidamente e deixar apenas uma.

A cada passo que você dá na sala de recreação, encontram-se crianças e seus pais brincando com tabuleiros, jogo da dama, jogo da velha, quebra-cabeça, jogos da memória, dominó e até mesmo jogos para deficientes visuais, onde as peças são revestidas com textura ave-ludada, áspera e esponjosa.

Os brinquedos não são comprados e todos são de madeira. Cada um é feito há poucos metros de distância pelas mãos de João Antônio Correa Souza, 50 anos. Um homem com barba e cabelos grisalhos.

João trabalha todos os dias em uma sala toda empoeirada, com quatro máquinas para cortar madeira e com uma mesa no canto esquerdo que guarda ferramentas, chaves de fenda e um óculos transparente. Na sala também há serra circular, lixadeira, martelo, cola, pregos, vidros e mais de 30 pedaços de madeira empilhados no canto direito.

Com seu uniforme na cor azul, há 25 anos o funcionário pega um quadrado de madeira, coloca seu óculos transparente e liga a serra circular para o corte. É nesse momento que a criatividade toma conta.

João nasceu em Bauru, é casado com uma técnica de enfermagem e tem um filho de 28 anos. Sua mãe trabalhava na lavanderia do hospital e seu pai era funcionário de uma loja de móveis.

João nasceu com fissura nos lábios e foi o paciente número 28 do Centrinho, em 1973. Entrou pela primeira vez no hospital aos 4 anos. Hoje, não há sinais da fissura, mas João usa um aparelho auditivo.

Devido à fissura, João não gostava de se olhar no espelho e, segundo ele, a infância foi boa, mas também ruim. As crianças na escola riam dele e, por isso, João costumava se sentar na última carteira.

- Meus pais sempre me deram apoio. Mas me sentia muito mal.

Ainda bem que hoje as pessoas têm mais conhecimento sobre o que é uma criança com fissura. Mas na minha época sofríamos muito.

Aos 14 anos, João entrou no Senai para estudar marcenaria. Conta que desde pequeno pegava o martelo do seu pai e fazia carrinho de carretel. Após o curso, trabalhou em duas lojas de móveis e, em 1988, passou no concurso do Centrinho para a área de manutenção.

João não entrou no Centrinho para trabalhar com os brinquedos. Segundo ele, tudo começou em um dia em que foi concertar uma fechadura na sala de recreação. Viu os brinquedos e disse para um das funcionárias que conseguia fazer.

Após disso, todos incentivaram João a criar os brinquedos. Alguns modelos de tabuleiros e jogos, as técnicas de apoio educativo procuram em sites especializados e mostram ao João. Elas perguntam a ele se é possível fazer. A resposta é sempre um sim. Outros é ele mesmo quem cria.

- Qual foi o brinquedo mais difícil que já fez?

- Não tem difícil. Quando você tem o objetivo você faz. Não existe coisa difícil. Nada é difícil. Existe vontade. Nunca falei que não conseguiria. Sempre falei que iria conseguir.

- Da onde surge a ideia de fazer algum brinquedo diferente?

- Vem do nada. Eu pego e falo 'vou fazer alguma coisa desse tipo'. Teve um quebra-cabeça que fiz assim. Peguei um quadrado de madeira, cortei todo diferente e comecei a criar. Depois, eu mesmo apanhei para montar o quebra-cabeça. É claro que logo após marquei as peças.

- Qual foi o mais demorado?

- Dependendo do brinquedo, o máximo é um dia. Eu cortei 80 cubinhos 2,2 em menos de uma hora. Eu fiz muito rápido.

- A pintura deles é você quem faz?

- Não, essa parte é o setor de recreação.

João não para. Entra às 7h e sai às 16h. Tem dia que ele fica a manhã na produção dos brinquedos. Em outros, trabalha concertando portas, fechaduras e armários. Mas sua fama mesmo vem da criatividade.

Ao chegar à seção de manutenção, os outros funcionários já sabiam com que eu iria conversar. João já foi entrevistado por mui-

tos veículos de comunicação local e nacional. Para ele, é uma alegria mostrar seu trabalho.

Contudo, mesmo ‘acostumado’ com as entrevistas, João confessou que estava nervoso com o que iria falar para mim. Na sala, levou em seu bolso um papel, um pequeno resumo de sua vida.

- Por que trouxe o papel João?

- Ah, fiquei preocupado em esquecer algum detalhe. Resolvi trazer. Vai que eu esqueço. Não quero passar vergonha.

E foi assim, de maneira descontraída e espontânea, que minha entrevista com João começou em sua sala de ferramentas. No início, ele estava com olhar de medo para cada pergunta que eu fazia. Mas, ao longo da conversa, João ficou mais tranquilo e espontâneo.

Uma tarde, durante a semana, João foi até a enfermaria e encontrou um menino com o mesmo tipo de fissura que ele tinha. A criança começou a brincar com ele, mas a mãe não sorria e aparentava estar muito nervosa. Foi então que o funcionário não se conteve e perguntou o motivo dela estar apreensiva.

A mãe, ainda um pouco tímida, respondeu que era porque o filho teria que fazer uma cirurgia naquela tarde. Foi então que João falou sorrindo: “eu era assim, igualzinho ao seu filho. Não tem motivos para ficar nervosa”.

A mãe olhou assustada e manteve os olhos fixos no rosto do funcionário e falou: “nossa, nem parece”. Um sorriso nasceu em seu rosto.

João saiu da sala sorrindo. Para ele, ser exemplo de um paciente que teve reabilitação é uma satisfação.

- O que é mais recompensador ao trabalhar nesses 25 anos no Centrinho?

- É ver que o serviço que eu faço faz os pacientes e os pais rirem. É tão bom quando você faz algo e vê os pacientes brincando.

- O que é levar alegria?

- Eu acho que a pessoa que é alegre e tem sorriso no rosto não envelhece. O espírito dela sempre fica novo. Tanto é que todo mundo fala que eu não tenho 50 anos. Uma pessoa que é fechada, a velhice dela é mais rápida.

- Você sempre foi extrovertido?

- Sempre fui assim. Para eu ficar bravo é bem difícil.

Em 2007 João foi premiado no hospital e ganhou o troféu Pardal pela criatividade. Para ele, essa é a lembrança que mais o emociona.

- Tinha uma época que eles premiavam quem era mais criativo. Teve votação e eu ganhei. Nem acreditei quando me falaram. Ai teve festa, foi em um Buffet e fiquei bem emocionado. Quando eu recebi esse troféu foi muito emocionante. Tenho guardado até hoje.

João foi comigo à sala de recreação para mostrar os brinquedos que fez. Como era final da tarde, não havia pacientes brincando. A educadora Sheila estava arrumando a sala, mas se prontificou a pegar mais de 10 jogos que foram feitos pelas mãos de João.

A cada quebra-cabeça, dominó, jogos de memória e dama que Sheila colocava na mesa central para me mostrar o olhar de João era de orgulho.

- Você já pensou em vender seus brinquedos?

- Eu não tenho coragem. Isso surgiu aqui. Então, se alguém pedir, eu faço e dou para a pessoa. Mas vender, nunca.

Fiz uma foto dele com os brinquedos. Em seguida, foi embora para casa. Mas, no dia seguinte, lá estará João. Com seus óculos, uniforme azul e concentrado em transformar um simples pedaço de madeira em mais uma jogo para as crianças do hospital.



“ Você tem que ter o compromisso e respeito com os pacientes, além do compromisso com o trabalho em si ”

Capítulo 5

A sonhadora

Dra. Maria Inês G. Graciano
ASSISTENTE SOCIAL

Maria Inês Gândara

Um jornalista sempre tem de realizar uma profunda apuração dos fatos, ter rapidez, compromisso com a “verdade” e, principalmente, compromisso com a informação. Além de tudo, sempre ouvi dos mestres que todo bom jornalista tem de ter o famoso “feeling” para futuras pautas, possíveis fontes e personagens.

Mas, por que estou dizendo isso? Não quero retomar os elementos básicos do que é jornalismo e do que um jornalista precisa ser ou ter, mas é que, quando decidi que iria fazer histórias dos profissionais do Centrinho, sabia que eu teria que ativar o famoso “feeling” para encontrar histórias surpreendentes, histórias de anônimos que são famosos no que fazem e que, muitas vezes, não têm voz na mídia.

Entretanto, como na nossa vida tudo é feito de momentos, instantes e, muitas vezes, esses instantes podem gerar resultados no futuro, tive a certeza de que podemos encontrar uma boa história em qualquer lugar, até mesmo num simples cumprimento em um corredor.

E foi assim, em um final da tarde, entre passos e um simples parar no corredor do hospital, que encontrei os 40 anos do serviço social personalizados na história de vida dela: o anjo da guarda do serviço social, como é conhecida.

Uma mulher sorridente, vaidosa e que tem tranquilidade ao responder as perguntas. Maria Inês Gândara Graciano, de 61 anos. Mãe de Marith, Mayra e Mariana. Avó de Gabriel, Sofia e Laura e esposa de José Roberto há 37 anos. Atualmente é coordenadora do Serviço Social do Centrinho.

Maria Inês foi a primeira estagiária do Serviço Social e responsável por sua implantação no hospital. Ela também é a responsável pelos principais programas sociais que fazem do hospital ser diferenciado e reconhecido pelo tratamento humanizado.

Maria Inês nasceu em Bauru. Filha de espanhola, morou durante toda a infância em uma casa no centro da cidade, na rua Araújo Leite, com cinco irmãos e cercada de primos e tios.

Seu pai era carpinteiro da Estrada de Ferro Noroeste e sua mãe, dona de casa. Teve uma infância simples, mas sua família sempre incentivou os estudos.

Em uma palestra sobre profissões em sua escola, ela ouviu uma

profissional que falava sobre serviço social. Segundo Maria Inês, a identificação com o trabalho desenvolvido pelas assistentes foi imediata.

Contudo, não foi apenas uma simples escolha. Foi uma escolha consciente, que estava disposta a abraçar tudo o que ela traria.

1973. Maria Inês se formou em Serviço Social pela Instituição Toledo de Ensino, mas, antes de se formar, decidiu ir atrás de um estágio. Na época, o Centrinho estava inaugurando a sede.

A jovem estudante pensou que poderia ser uma ótima oportunidade trabalhar no hospital.

- Fui até a casa do tio Gastão para pedir um estágio. Ele falou que era para eu conversar com o diretor da faculdade de odontologia, Luiz Ferreira Martins. Apresentei meu currículo e comecei o estágio.

Maria Inês implantou o serviço social no Centrinho e fez sua tese de conclusão de curso sobre essa implantação.

- Na época, quando eu conversei com o tio Gastão, eu perguntei qual era a expectativa do trabalho e ele me respondeu que sua principal preocupação era evitar o abandono do paciente no tratamento. Ele queria que eu fizesse um trabalho tanto de prevenção como de acompanhamento para que os pacientes não abandonassem o hospital. Esse era o eixo principal.

Os principais projetos sociais desempenhados hoje nasceram na década de 70, com o trabalho de Maria Inês.

Em 1975 nascia Fundação da Sociedade de Promoção Social do Fissurado Lábio-palatal (Profis), uma entidade de apoio e assistência ao trabalho do Centrinho. A partir daí a jovem estudante começou a se preocupar em desenvolver pesquisas e aperfeiçoar-se na área.

- Os pacientes tinham dificuldade financeira para chegar até nós. Na época, a questão do direito não era tão clara e o TFD, que é um benefício quando o paciente tem tratamento fora do domicílio, não tinha. Então, a Profis foi criada para dar esse suporte com transporte, alimentação e hospedagem.

Nesse meio tempo, em 1980, Maria Inês publicou seu primeiro trabalho, um estudo socioeconômico que fez a avaliação social dos pacientes. Em 1996, concluiu seu doutorado na PUC de São Paulo.

- Foi difícil esse processo?

- É um processo que exige muito de você, mas quando você faz algo de que gosta e com prazer, é diferente. Eu quis fazer, como o Pós-Doutorado. Eu entrei na carreira de pesquisadora. Meu sonho era publicar este livro....

Neste momento da entrevista Maria Inês se levanta e, rapidamente, busca em um armário, muito organizado e com muitas pastas, suas publicações e livros.

- Eu publiquei também outro livro na faculdade, o qual envolveu toda a equipe do Serviço Social. Cada assistente escreveu um capítulo. Tem todos os programas do Serviço Social.

- Tem alguma lembrança aqui no Centrinho que te marcou?

- Nós tínhamos um trabalho com o Projeto Belém, através da FAB, e por muitos anos recebíamos pacientes de Belém, da região Norte e Nordeste. Começou em 1974. Nesse projeto tinha um padre que trazia os pacientes, o Padre Alegria. Por mais de dez anos ele trouxe os pacientes que não tinham oportunidades de fazerem o tratamento. Eram pessoas adultas e crianças com fissuras. Depois de um mês, o avião vinha buscá-los. Esse programa me marcou muito.

Maria Inês destaca o Projeto Alegria, mas um grande marco para o hospital foi o projeto “Carona Amiga”. A assistente social, preocupada com os pacientes que são de tão longe e que precisam vir para Bauru, implantou uma central de agendamento que proporciona carona para os pacientes e familiares.

- Temos parceria com mais de três mil prefeituras para facilitar a vinda do paciente e liberar um transporte para eles virem. São quase 600 cidades que têm as datas definidas das caronas. A central de agendamento, quando vai agendar o paciente, tem de observar se ele depende da carona amiga. Se ele depende, a central agenda de acordo com a data da carona.

- Quando começou o projeto Carona Amiga?

- Começou em 1981. Foi uma ideia minha e um projeto que marcou e modificou todo o agendamento do hospital. As datas são definidas no ano anterior. Então, o agendamento não é mais individualizado, é coletivo. Antes era desorganizado. E como as cirurgias são eletivas, ou seja, um tratamento em longo prazo, você pode implantar esse projeto. Os projetos pais coordenadores e carona amiga

foram um marco na minha carreira.

O projeto “Pais Coordenadores”, também desenvolvido por Maria Inês, trabalha com pais ou pacientes adultos que desenvolvem um trabalho voluntário, representando as pessoas com deficiências de suas respectivas cidades.

- Eu pensei: ‘nos preocupamos tanto aqui no hospital e quando ele vai para sua cidade como ele vai ser atendido? Onde? Essa rede de associações e núcleos ajuda muito no tratamento. Como é o caso da Profis.

- Quais os principais desafios que já passou no trabalho?

- No trabalho foram muitos. Para implantar esses projetos foi uma luta. Por exemplo, para implantar o projeto Carona Amiga teve resistência da equipe, pois modificou todo o esquema de agendamento hospitalar. Aí entra o fato de você conversar com a equipe, de argumentar a importância do projeto e conseguir o apoio. Acho que toda a minha vida foi feita de desafios e todos esses projetos foram implantados com muita luta, com garra e persistência.

- Eu imagino, são mais de dez programas sociais....

- E vem mais por aí. Pode esperar. Eu ainda quero escrever mais um livro, junto com a equipe, para falar do nosso Serviço Social e detalhar como é a profissão e a rotina. Nosso serviço é muito reconhecido.

Observando a carreira de Maria Inês, pode-se ver que dedicação não faltou durante todo esse processo. Mas, durante todos esses anos, ela conta que sempre teve o apoio de sua família para poder se especializar e seguir com seu sonho.

Muitas vezes, as pessoas não fazem o que realmente querem fazer pensando que já não tem mais tempo ou que a vida já passou. Maria Inês, mesmo com três filhas e um lar para cuidar, conseguiu se dedicar à profissão e à família.

- Você sempre teve o apoio da sua família em sua carreira profissional?

- Meu marido sempre me apoiou muito. Meus pais, que não são mais vivos, sempre me apoiaram muito também. Eu viajava muito. Quando a Mariane tinha um ano eu comecei a fazer curso em São Paulo e viajava durante a madrugada. Sempre foram compreensivos,

porque se você não tem apoio da família, você não pode deixá-la. É muito importante ter o apoio daqueles que estão com você. E aí, tem que se programar e se articular.

Olhando para o currículo profissional e toda a história de Maria Inês no serviço social do Centrinho, você pode estar pensando: “Ela deve só ter estudado a vida toda”. Realmente, Maria Inês mostra o quanto acredita que “cada momento é um aprendizado”, que a “vida é uma escola” e que cada fase é um crescimento. Mas, na adolescência, a assistente social descobriu outra paixão: a música.

Maria Inês conta que ama tocar violão e cantar. Seu estilo musical preferido é Música Popular Brasileira (MPB). E onde ela desenvolve essa paixão? No Centrinho.

Uma vez por mês, todas as quintas-feiras, às 13h, lá está ela tocando e cantando na missa que o hospital realiza com os pacientes e funcionários. Uma forma de se aproximar dos pacientes, de humanizar e de desenvolver sua paixão musical.

- Eu gosto de cantar e tocar nas missas. É outra forma de humanizar. As mães estão lá e elas veem os funcionários junto com elas tocando e cantando. É um trabalho muito interessante.

- Você acredita que a música pode ser uma maneira de reflexão e ajudar no tratamento dos pacientes?

- Eu acredito que a musica é uma poesia, um estado de espírito que você reflete. Eu gosto muito de MPB. Mas a música....ela mexe com o sentimento das pessoas e é isso que é o mais importante.

- Tem alguma coisa na sua vida que você deixou de fazer e se arrependeu?

- Único sonho que eu tenho é morar no exterior e ter o domínio da língua inglesa. Esse é um sonho. Se tem uma coisa que me falta hoje é o domínio para falar o inglês e isso eu não tenho. Então, eu pretendo morar fora e ficar estudando inglês.

Mas, ao longo da conversa, ela confessa que pretende ficar no hospital durante muito tempo.

- Eu adoro o hospital, adoro a equipe e adoro a minha profissão. Eu pretendo ficar até os 70 anos aqui. Eu ainda tenho dez anos e pretendo aprimorar o serviço social e desenvolver projetos de amplitude internacional.

- E depois, tem planos?

- Quero trabalhar como voluntária na Profis, porque é como se fosse um filho. Eu sou da diretoria da rede e quero me dedicar algumas horas no trabalho voluntário. Mas também quero viajar bastante, quero falar inglês e fazer um trabalho voluntário.

Durante as entrevistas, ela me convidou para participar da comemoração dos 40 anos do Serviço Social e realizar um texto que contasse o processo histórico, o qual seria usado em um vídeo comemorativo.

Como já estava no processo de pesquisar sobre sua história, poderia auxiliar a equipe nesse vídeo de comemoração dos 40 anos.

Eu, como toda jornalista que pensa que cada experiência é um aprendizado, aceitei. Durante todo esse trabalho, o qual envolveu assistentes sociais, a bibliotecária e residentes, pude ver de perto o espírito motivador, de trabalho em equipe e de dedicação que Maria Inês tem.

Em contato com a história do Serviço Social, pude também constatar que foram 40 anos de muitos desafios para toda a equipe no quesito de implantar diferentes programas sociais, que proporcionam aos pacientes condições para o acesso ao tratamento e a sua continuidade.

Escrevendo ou apenas lendo não tem como ter noção de quanto são úteis esses projetos. Mas, a cada passo em que você dá no hospital, a cada história de vida que você encontra e, a partir do momento que você conversa com mães que viajam 12 horas, 15 horas ou até mesmo 24 horas para trazerem seus filhos a Bauru, você pensa: “Que realidade diferente da minha” e “Como seria se não tivesse o Carona Amiga?”.

40 anos do Serviço Social

Os preparativos para a comemoração dos 40 anos do serviço social foram intensos. Muitos palestrantes de renomes no serviço social vieram e Maria Inês lançou seu livro “Estudo Socioeconômico: um instrumento técnico operativo”.

Para a produção do vídeo comemorativo, fizemos reuniões ao longo do mês de maio e, após pesquisas nos arquivos históricos do

Centrinho, nos documentos e nas fotografias arquivadas na biblioteca, o vídeo, de aproximadamente 20 minutos e que mostrava o serviço social desde 1973, ficou pronto.

22 de junho de 2013. Estava eu, sentada no auditório da Faculdade de Odontologia da USP para poder assistir ao vídeo. Não deixei de observar Maria Inês e como aquele evento parecia ser mais um marco em sua carreira.

Durante a comemoração dos 40 anos, as homenagens para Maria Inês não paravam. Ela chorava enquanto assistia ao vídeo que ajudou a produzir e, logo após, foi surpreendida por outro vídeo feito pelos funcionários para homenageá-la.

Ao terminar a homenagem, todos que estavam no auditório ficaram em pé e aplaudiram a Maria Inês Gândara. Uma mulher que estava ao meu lado retirou os óculos para limpar as lágrimas. Após os aplausos, o auditório ficou em silêncio.

Entre as pessoas que ficaram em pé, estava a professora de Maria Inês, de 90 anos. Ela pegou o microfone e destacou o quanto a perseverança e dedicação fizeram com que a ex-aluna desenvolvesse um ótimo trabalho no Centrinho.

Em seguida, outra surpresa: pacientes entraram no auditório com buquês de flores para entregar à Maria Inês. Ela, que já tinha chorado, caiu em lágrimas novamente.

Jornalista tem que ser imparcial, olhar os fatos e colocar suas observações. No momento das homenagens não chorei, mas confesso que fiquei tomada, impressionada pelas lágrimas que escorriam nos rostos de muitos que estavam no auditório.

- Você acredita que fez diferença na vida das pessoas?

- Eu acho que eu fiz muita diferença. Eu sou uma pessoa muito envolvida e comprometida com o trabalho. Então, fiz diferença sim. Tem que deixar um legado na instituição e um dos legados é a própria formação, história e as publicações da pessoa. Você tem que ter o compromisso e respeito com os pacientes, além do compromisso com o trabalho em si.

...so coração é todo seu



“ Com um belo sorriso, a
recuperação é mais rápida
e tudo fica melhor ”

Capítulo 6

A amiga



Takemi Fugiwara

Poucas palavras e muita história de vida. Quem apenas observa aquela mulher baixinha, de cabelos curtos e pretos, com óculos, sentada todos os dias em uma das salas da recreação concentrada em seu crochê, não imagina que naquele olhar tímido carrega uma bagagem de histórias.

Em um olhar que demonstra gentileza e brilho, Takemi Fugiwara, 62 anos, consegue ser aquela amiga que todos procuram em momentos difíceis. Consegue ser a palavra incentivadora e a perseverança.

Entre linhas e costuras, uma conversa. Entre agulhas e criatividade, uma esperança. Entre um sorriso amigável, uma motivação.

Do lado de fora da sala eu a vi pela primeira vez. Nessa mesma cena. Sentada, costurando e cercada de pais e mães que esperavam seus filhos saírem das cirurgias.

O ambiente é tomado por medos, aflições e indagações de pais que estão aguardando seus filhos saírem são e salvos da mesa cirúrgica. Pais que estão cansados dessa rotina de exames e viagens. Pais que anseiam pelo momento em que a funcionária anunciará o nome de seu filho e dirá que deu tudo certo na cirurgia.

Muitos chegam chorando, mas, apesar de toda a dificuldade que cerca o ambiente, a funcionária tem como objetivo ser o amparo para aqueles familiares. Ela consegue fazer do choro um sorriso. É de uma atividade, a sobrevivência.

Takemi Fugiwara nasceu em Agudos. É descendente de japonês, mas não é ligada à cultura japonesa. Irmã gêmea, Takemi tem mais nove irmãos. Os pais vieram do Japão para o Brasil em busca de emprego e nunca mais voltaram.

Solteira, vive com sua sobrinha, de 47 anos, e cuida de seus sobrinhos gêmeos. Há 30 anos trabalha no Centrinho e já até foi premiada no hospital como a funcionária destaque.

Todos os dias trabalha das 7h30 às 16h30. Na sala, é desenvolvida uma série de atividades com os crochês que fazem os pais relaxarem e tirarem o foco dos problemas. O intuito é terapêutico.

Muitos pais chegam sem saber nada de artesanato e desenvolvem trabalhos que são vendidos mais tarde. De uma simples atividade artesanal saem lindos cachecóis, tapetes, travesseiros, blusas e acabam sendo até uma renda a mais para a família.

Na parede da sala, um enorme coração montado com os fuxicos feitos por mãos de diversas partes do Brasil e do mundo. Um coração que representa união e incentivo. Um coração maior que o mundo.

Na porta da sala, uma árvore é montada por fuxicos feitos pelos pais dos pacientes. Os frutos? São os sonhos de uma vida nova, de uma reabilitação que um dia será realidade.

Takemi é tímida, mas é só começar a conversar que ela vira sua “amiga íntima”. Com um jeito meigo, sempre usa palavras no diminutivo: ‘mãezinha’, ‘paizinho’.

Sabe aquela avó que sempre chama o neto de “meu netinho querido”? Vejo Takemi assim, como aquele parente mais próximo da família que sempre está disposto a demonstrar amor até mesmo nas palavras expressadas.

Formada em serviço social, Takemi teve uma vida cheia de desafios. A garota, que estava terminando a faculdade, entrou em dois projetos sociais na década de 1980: o Projeto Rondon e o projeto Plimec.

O Projeto Rondon é uma iniciativa do governo brasileiro, coordenada pelo Ministério da Defesa, em colaboração com a Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação (MEC). Ele é uma integração social que envolve a participação voluntária de universitários na busca de soluções que contribuem para o desenvolvimento de comunidades carentes.

O projeto, entre os anos de 1967 e 1989, envolveu mais de 350 mil estudantes de todas as regiões do País. Takemi esteve entre esses 350 mil jovens. Ela viajou para diversos lugares do Brasil, como a Bahia, onde ficou um mês.

Em 2005 o Projeto Rondon, extinto em 1989, foi relançado pelo Governo Federal a pedido da União Nacional dos Estudantes (UNE).

O Plimec era um projeto bem parecido. Foi uma iniciativa do governo e tinha como objetivo ajudar famílias carentes.

E no meio das mãos que ajudaram muitas pessoas, entregaram sopas, comidas, roupas e demonstraram carinho para muitas famílias carentes, estavam as dela. As mãos de Takemi.

A jovem não tinha medo. Todos os dias, à noite, andava dois quilômetros, no meio do mato, para chegar às casas de famílias carentes.

Hoje, conta que não faria essas ‘loucuras’ devido à criminalidade.

Mas, não se arrepende. Na época, o que mais importava era levar um amparo aos carentes.

Takemi deixou de estudar no segundo grau e trabalhou como empregada doméstica durante a adolescência. Questionada sobre o porquê parou de estudar, a funcionária disse que não lembra. Contudo, o tempo proporcionou oportunidades e fez com que ela conhecesse uma professora que a incentivou a estudar. Assim, Takemi fez um supletivo, um preparatório para vestibular e passou em Serviço Social na Instituição Toledo de Ensino (ITE), em Bauru.

Enquanto estava nos projetos sociais, ela teve a oportunidade de trabalhar no Centrinho pelo Projeto Rondon. O tio Gastão queria que fosse feito um trabalho no hospital e Takemi, além dos outros voluntários, ia aos domingos, das 7h às 19h.

No dia 3 de maio de 1983, uma funcionária se afastou do trabalho para licença gestante. Takemi entrou no lugar dela e, desde aquele dia, trabalha no hospital.

A funcionária desenvolveu sua vida profissional no setor de recreação. Durante todos esses anos, trabalhou com diversas atividades terapêuticas para os pais dos pacientes.

- Você sempre costurou e gostou de artesanato?

Não, não costurava nada. Eu sei fazer bordado, fuxico, crochê, mas nada sofisticado porque meu curso é totalmente diferente. Tem coisa que tive que aprender e outras eu aprendi com as mães. Há muita troca com elas. Tem mães que vêm aqui e me ensinam as novidades.

- Você vê mudança nas mães quando elas começam a desenvolver a atividade artesanal?

- Nossa, muita mesmo. Tinha uma que não sabia pegar na agulha e fez um ponto cruz em uma toalha maravilhosa. Fez um monte de bordado. Tem outro caso que a mãe fez um trabalho muito bonito que logo irei te mostrar. Eu sempre falo que damos aquelas atividade para relaxar um pouco e esquecer que o filho está na cirurgia. Aí elas recebem o paciente com um belo sorriso.

Takemi tem muita história para contar. A cada minuto da entrevista, lembrava casos que a marcaram, lembranças que a emocionam. Crianças que ela ajudou e hoje estão jovens, adolescentes.

Há três anos Takemi vivenciou um momento marcante. Ela teve

que levar um bebê para a porta do centro cirúrgico.

- Eu cheguei do almoço e vi vários bebês que não paravam de chorar. Os pais estavam impacientes e nervosos. Eu fiquei comovida com a situação e disse: “paizinhos, daqui eles que eu vou fazê-los dormir”. Os bebês, assim que ficaram um tempo no meu colo, dormiram. Mas, a mãe de um deles fez um pedido para mim. Como estava com medo do filho acordar e chorar de novo, pediu para levar a criança até o centro cirúrgico. Fiquei muito emocionada quando entreguei o menino para os médicos. Nossa, é muito difícil esse momento. Foi ali que eu senti, pela primeira vez, aquele aperto no peito que as mães falam que sentem.

Sabe amor à primeira vista? Takemi se lembra de quando foi surpreendida pela criança. Bianca tinha dois anos quando chegou ao setor de recreação sem poder falar e ouvir nada. Mas, ao ver Takemi, quis ficar ao lado dela, não queria sair por nada. Takemi conta que Bianca chegou a ter ciúme dela com outras crianças.

Hoje, a menina já pode falar e ouvir. Ela nunca deixa de visitar a funcionária.

- Durante esses 30 anos no Centrinho, o que é mais recompensador?

É esse amor pelas mães. Você se dedica toda para elas. Elas são em primeiro lugar.

- Você acredita que fez ou faz a diferença na vida das pessoas?

Acredito. Tem mãe que vem agradecer, manda até cartinha. É muito emoção para a gente. Às vezes tem bebê que está chorando e quando eu vou pegá-lo, não sei o que acontece, falam que tenho mel. É só vir no meu colo que ele dorme. Mas, sabe o que acontece? É que quando as mães estão nervosas elas transmitem o nervosismo para o filho. Agora, quando você pega e canta música de ninar, eles dormem.

- O que é promover a reabilitação?

- Tem mãe que me fala que as crianças não irão à escola. Tinha uma mãe que levava na escola e escondia com a fralda a fissura. Eu falo que isso é errado. Então, tem que incentivar as mães para que elas incentivem o filho a fazer atividade fora e se socializar. Tem mãe que fica com receio de sofrer algum tipo de preconceito na escola. Mas eu sempre falo: ‘se algum amigo deles tirarem o sarro, vocês tem que falar com a mãe deles e explicar que seus filhos nasceram assim, mas que são

saudáveis e logo estarão reabilitados’.

- O que é fazer a diferença na vida de uma pessoa?

- É incentivá-la. No meu caso, eu tenho que incentivar a mãe a ter paciência e fé. O principal é ter fé. A gente tem muita mãe da UTI e UCE (Unidades de apoio), que fica muito tempo com a gente. Temos que incentivar, mostrar que vai passar.

Desliguei o gravador e Takemi, prontamente, foi me mostrar um quartinho, onde ficam guardados materiais usados para suas atividades artesanais.

Vários armários, todos muito bem organizados. Em um deles, cheio de agulhas e linhas, Takemi pegou um travesseiro roxo com uma girafa. Olhando para ele, contou, com a voz baixa e trêmula, que a mãe que o fez sofreu muito com a dor de seu filho. A criança teve de ser operada e, logo após que terminou o travesseiro, o bebê morreu.

- O caso dela me marcou muito. Uma mãe jovem, de apenas 18 anos, estava com o bebê com fissura. Infelizmente ele tinha uma série de problemas de saúde e veio a morrer devido a uma complicação. Ela é de longe e não tinha família. Para mim, é muita emoção. Ligo toda semana para ver como a ela está. E esse travesseiro aqui foi feito por ela. Ela não sabia fazer nada e olha que coisa linda.

Na sala de espera, mães sempre vão visitar Takemi. A funcionária sempre está na sala de espera dizendo:

- Chora mesmo. Chora tudo que você quer. Depois, vai ao banheiro, lava o rosto e recebe o filho com um sorriso. Com um belo sorriso, a recuperação é mais rápida e tudo fica melhor.

ouvidoria

ouvidoria

PRÓPRIO DE ATENDIMENTO
NORMALMENTE: DAS 14H ÀS 17H
TERÇA A SEXTA-FEIRA

Para enviar sua manifestação pelo
e-mail: ouvidoria@centroho.usp.br
ou se dirija a recepção



Dra. Maria Irene Bachega
Diretora Hospitalar



HRAC - USP

“ Ela não precisa que você cuide da ferida, ela precisa que você cuide da alma. E não precisa ser psicólogo, precisa ser gente que cuida de gente ”



Capítulo 7

A cuidadora

Maria Irene Bachega

1 5h30 da tarde. Cheguei ao Centrinho com meu gravador e caderno para a entrevista com a diretora do Departamento Hospitalar e ouvidora do hospital, Maria Irene Bachega. Já havia lido algumas reportagens sobre seu trabalho, sua experiência profissional, mas não a conhecia pessoalmente.

Enquanto esperava na recepção com as duas secretárias, a porta de Maria Irene abriu e cerca de quatro pessoas saíram com pastas nas mãos e notebook. Provavelmente, uma reunião.

Naquele momento, pude ver uma mulher de cabelos curtos, loiros, de jaleco branco, óculos, sentada em uma mesa grande, onde estavam o computador e documentos. Ela, logo que me viu, sorriu, levantou-se para me cumprimentar e entrei em sua sala.

De forma descontraída, com assuntos da atualidade, como o clima, o jornalismo e a criminalidade em Bauru, começamos nossa entrevista.

Maria Irene tem 57 anos, é casada e tem um filho de 18 anos. Formada em enfermagem pela PUC de Campinas, é funcionária do Centrinho desde junho de 1977. Durante esses 36 anos, já trabalhou por todas as áreas da enfermagem.

Foi Maria Irene quem implantou a Ouvidoria no hospital, o setor que ‘mede’ a relação entre profissionais de saúde e pacientes. Além disso, a seção apresenta resultados em garantir convivência humanizada tanto para os atendidos e familiares quanto para os próprios funcionários.

A funcionária não parou de estudar após se formar. Em 2002, terminou seu doutorado em pediatria pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp).

Além de ser a ouvidora do hospital, é diretora do Departamento Hospitalar, divisão que agrega quatro serviços-Serviços Médicos, Serviços Complementares, Serviço de Assistência Hospitalar e Serviço de Enfermagem- gerenciando, ao todo, quase 300 profissionais.

Mas sua história com a enfermagem começou em uma cidade pequena do interior de São Paulo. Pacaembu. Seu pai trabalhava na lavoura e foi taxista. Sua mãe, dona de casa.

Na infância, Maria Irene estudou em uma escola de freiras. Ela conta que na escola sempre se envolveu com visitas a creches, abrigos

e que fazia hortas voluntárias. Além de ser a líder da sala e participar do diretório, diz acreditar que tudo o que fez na escola impulsionou a ser a pessoa que é hoje.

Aos 15 anos, Maria Irene pegou a revista “Nova” para ler e se deparou com a matéria ‘ Eu enfermeira?’.

- Os detalhes sobre como era a profissão fez com que ficasse evidente que a escolha para meu futuro profissional deveria ser na área da saúde. Cada parágrafo lido, a leitura ficava interessante.

Após a leitura da reportagem e um teste vocacional, escolheu sair da pequena cidade aos 17 anos e ir para Campinas estudar enfermagem em uma época que as mulheres não costumavam estudar fora e a profissão não era vista com “bons” olhos.

- Eu lutei contra todos e fui estudar fora, pois vi que eu tinha que seguir na área da saúde. Eu me formei e já comecei minha vida profissional.

Após terminar a faculdade, seu primeiro emprego foi na antiga Santa Casa de Bauru, atual Hospital de Base. Lá, montou a primeira Unidade de Terapia Intensiva (UTI) do interior do Estado de São Paulo. Em seguida, passou no concurso da USP e começou a trabalhar no Centrinho. Na época, era apenas uma casa comum e não tinha nem ambulatório.

No Centrinho, Maria Irene começou a trabalhar na unidade de internação e, depois, montou o ambulatório.

- Era tudo muito pequeno. Eu vi isso crescer. Eu sempre falo que na vida da gente é muito importante termos oportunidade. Se você acha que é complicado, tem de falar que quer aprender para depois ter uma escolha.

Na época em que seu filho nasceu, Maria Irene montou o berçário para os filhos dos funcionários.

- Foi muita batalha, mas conseguimos montar um berçário que, até hoje, é modelo no Brasil.

Quando foi fazer especialização em pediatria, em 1986, começou com o projeto mãe participante, pois antigamente as mães deixavam os filhos no hospital e não os acompanhavam. O projeto, após o Centrinho implantar, virou lei para todos os hospitais.

- É claro que cuidávamos muito bem dos pacientes, mas foi ne-

cessário implantar esse projeto. Fomos o primeiro hospital que as mães ficavam com os filhos. No início, pessoas falam que as mães contaminavam. Mas com o tempo virou lei. Quando os hospitais começaram em 1990, nós já fazíamos há muito tempo.

A rotina de Maria Irene é bem agitada. Além de ser a responsável por mais de 300 funcionários, viaja muito para reuniões no Ministério da Saúde, em Brasília.

- Nem tenho muita idade para ficar nessa rotina, mas sempre trabalhei 12 horas por dia. Tem gente que trabalha 8 horas e morre. Eu adoro ficar aqui. Tenho minha casa, tive meu filho. Nossa vida é assim. Você tem que plantar. Às vezes pergunto: 'será que fui eu mesmo que fiz isso?' Aqui, não é fácil. O departamento tem todos esses setores, mas acho que tudo isso vale a pena.

Nessas viagens a Brasília, ela pôde vivenciar uma experiência que, conforme afirmou durante a entrevista, foi marcante. Lembra da reportagem que leu aos 15 anos e a impulsionou a ser enfermeira? Depois de anos, ela teve a oportunidade de trabalhar com a especialista que fez a matéria, na associação brasileira de enfermagem.

- Para mim, foi algo inacreditável. Uma honra. Aprendi muito com a Doutora Ivete, uma pessoa com postura, atitude, habilidade e sabia o que queria. Foi muito legal, muito bacana. Ela era presidente da associação e já tinha sido Secretária da Saúde da Bahia.

Até mesmo nas férias Maria Irene não para com atividades relacionadas ao hospital e à enfermagem. Ano passado, deu aula em um hospital em Porto Alegre.

- Quando você vai, você dá, mas aprende muito. Vou nessa busca de aprender coisas novas. Acho que na área da saúde não podemos ficar parados. Essa área que estou coordenando tem várias especializações, como cirurgiões, psicólogo, técnicos de enfermagem, farmacêuticos, pediatras. Eu tenho de ficar atenta em tudo, em todas as áreas. Temos de trabalhar com a equipe para ela crescer. Se ela está dando certo, é porque estou certa.

- Durante esses 38 anos de trabalho no Centrinho, o que é mais recompensador?

- Todo dia eu venho como uma pessoa nova e não acho que o Centrinho seja rotina. Venho disposta e isso faz a diferença. Diaria-

mente, encontro pessoas diferentes que precisam de mim e do meu cuidado. Hoje, estou na diretoria e sou ouvidora. Então, preciso cuidar bem dos funcionários. Trabalhar com gente não é fácil.

- O seu trabalho é cuidar de quem cuida.

- Sim, pois quando a gente trabalha, não é para o paciente que precisa de cuidado, é cuidar de quem cuida. Às vezes, o funcionário tem tanto problema e não tem vontade de cuidar. E quem está na administração precisa trabalhar nisso, pois é muito importante.

- O que é fazer a diferença na vida de uma pessoa?

- Olha, fazer a diferença é fazer que essa pessoa seja mais feliz do que quando ela entrou. Quem dizia isso era Madre Tereza de Calcutá. Ela dizia que quando as pessoas entram, têm que sair melhor quando chegaram. Fazer diferença é cuidar bem dessa pessoa.

Às vezes, você não irá falar sim toda hora. Mas só o fato de dar assistência, tratar bem, é fazer diferença. Ela não precisa que você cuide da ferida, ela precisa que você cuide da alma. E não precisa ser psicólogo, precisa ser gente que cuida de gente.

- Você acredita que você fez e faz a diferença?

- Eu acredito e vejo quando as pessoas me procuram. Não é só o fato de falar sim para tudo, mas eu explicar o porquê ela está precisando daquilo e se aquilo é possível. O ser humano precisa de muita explicação. A gente ensina quem não sabe e orienta quem sabe. Eu acho que é por aí.

- Como define o hospital Centrinho?

- Tem uma propaganda que fala lugar de gente feliz. Eu acho que aqui é um lugar que a gente faz as pessoas ficarem feliz. O pouco que a gente faz é muito para eles. É um lugar que você pode deixar as pessoas mais felizes. O 'defeito' que eles têm está na cara, então é uma coisa muito difícil de aceitar. Difícil até do outro aceitar. É uma coisa visível. Então, o centrinho é um lugar que faz as pessoas felizes.

- O que é levar alegria?

- É deixar a pessoa se sentir bem. É entrar na enfermaria e ver que a mãe está feliz com a reabilitação, que aprendeu a dar mamadeira e que ficou agradecida por dar papinha na boca da criança. É fazer com que o outro saia do hospital feliz. O outro tem que sair melhor do que chegou.

Fora do hospital, Maria Irene tem uma paixão. Fazer bolos. Ela diz ser uma terapia para acalmar.

- A minha profissão me fez gostar de cuidar de gente e isso é uma arte. É como pintar. É fácil? Não. Porém, é muito gratificante. Acho que pelo fato de gostar de servir, eu adoro fazer bolo. Me dá prazer ver o outro comer o meu bolo. Aliás, eles saem muito bonitos.

- O que mais te motiva a trabalhar aqui?

- São os pacientes. Porque não tem motivação a não ser os pacientes. Trabalhar no hospital é cuidar de gente. Eu tive uma professora que falava assim 'gente que cuida de gente'. Eu acho que sou assim: 'gente que cuida de gente'. Quem não gosta de gente não pode trabalhar no hospital. É importante fazer o que gosta. Nunca acordei e pensei 'nossa, não estou com vontade de trabalhar'. Não sou doente não, mas eu amo vir trabalhar. Amo vir aqui, prestar assistência e ficar ao lado das pessoas que precisam.





Capítulo 8

Depoimentos

O que dizem algumas mães

“**M**eu filho tem seis anos e trago ele ao hospital Centrinho desde bebê, quando ele fez a primeira cirurgia. Eu fiquei maravilhada com o atendimento de toda a equipe. O hospital é um ponto de referência que, para mim, é um dos melhores hospitais do Brasil. Sempre quando alguém me pergunta sobre o Centrinho, só tenho o melhor para falar. Nesses anos que estou convivendo aqui não tenho nada para reclamar de ninguém. São todos atenciosos e tudo que eles podem fazer para acelerar o tratamento eles fazem da melhor maneira possível. Às vezes, falam que eu sou corajosa de levar meu filho tão longe, pois são 17 horas de viagem. Mas, eu sei que é o melhor para ele. Não importa a distância, pois o melhor é trazê-lo ao Centrinho”. *Angelita Gomes de Oliveira Ferreira, de Cataguases, Minas Gerais, mãe de Leonardo, de sete anos.*

“Minha filha Rainara era bem estressada e mal humorada. Só foi vir para o Centrinho que ela é outra pessoa. Os funcionários são ótimos, carinhosos e adoro todos eles. Eles dão muita força para gente. Ontem, por exemplo, minha filha estava na cirurgia e eu chorava muito. As funcionárias me abraçaram e me deram apoio. Foi essencial. Sabe, eles passam energia positiva e eu adoro esse hospital. Para mim, é o melhor da América Latina e ponto. Ah, o Centrinho...”. *Marlene Evangelista Nogueira, de São Paulo, Capital, mãe de Rainara, de 11 anos.*

“Não conhecia o Centrinho e não imagina que um dia estaria aqui. A relação com o paciente é totalmente diferente. Quando eu cheguei, eu não sabia onde ficar, não tinha dinheiro e fiquei preocupada em deixar meu filho sozinho. Foi quando a assistente social me perguntou onde eu iria ficar. Eu falei que não sabia e, para minha surpresa, a funcionária falou que eu ficaria em um quarto especial no próprio hospital. Eu fiquei emocionada quando vi que era um quarto para meu filho com cama, banheiro e não precisaria pagar.

Pensei: ‘poxa vida, estou sendo bem tratada aqui’. Eu conheço muito bem o hospital e, com os anos, percebi que eles não fazem diferença com raças, classes sociais, personalidades. Aqui, eles tratam todo mundo bem. Eu achava que pagaria por alimentação, abrigo e

não precisei paga nada. No Centrinho tem muito reforço e me sinto acolhida. Ganhei café da manhã, almoço e, para mim, isso foi ótimo.

Quando estou esperando meu filho sair da cirurgia, eu fico bem nervosa e ansiosa. Mas, eu sei que eles estão cuidando bem dele, como se eu tivesse com ele. As mãos dos funcionários fazem maravilhas. Só ouvi coisas boas daqui. Não tenho nada do que reclamar, só elogiar. Eu, meu marido e o Vitor estamos sendo tratados muito bem.”. *Rosemeire Soares de Queiroz, de Piedade, São Paulo, mãe de Vitor, de cinco anos.*

“Eu descobri que meu filho tinha fissura nos lábios apenas na hora do parto. Ele era para se chamar Alexsandro, mas como nasceu com a deficiência, lembrei do anjo Rafael, que é o enviado por Deus para curar. Então mudei o nome do meu filho para Rafael

Na hora que ele nasceu, na Santa Casa de Ourinhos, a pediatra veio me explicar da fissura e que era um dos casos mais simples. Ela falou que me encaminharia ao hospital Centrinho e que aqui era o melhor lugar do Brasil. Eu fiquei mais calma, pois sabia que o hospital era bem perto da minha cidade. Mas, confesso que a primeira cirurgia do Rafael foi algo muito difícil para mim. Parece que o mundo vai acabar. Chorei bastante. Eu achava que ele não aguentaria e que morreria. Agora não. Agora eu sou mais tranquila e confiante no trabalho do Centrinho. Eu acho o tratamento daqui maravilhoso. É algo planejado. Eu gosto bastante dos funcionários e fiz muitas amizades com as funcionárias e com as mães.

Posso dizer que eles fazem diferença em nossas vidas porque são preparados humanamente. Eles te tratam com respeito, com o lado humano e como se nós fôssemos parentes deles. Já estive em diversos hospitais em São Paulo e lá você é tratado como mais um, ninguém olha nos seus olhos. Aqui não. Eles te chamam de ‘mãezinha’, te orientam e têm paciência com você. Eu não me sinto perdida aqui em Bauru e sei que tenho que ter calma em tudo. Eu gosto bastante daqui”.

Valquíria da Cruz Peres, de Ourinhos, São Paulo, mãe de Rafael, de sete anos.

“Eu estava com sete meses de gravidez e estava no consultório do meu obstetra. Naquela época não tinha acesso à ultrassonografia tridimensional moderna como é hoje. O meu médico fazia as ultrassons e descobriu que estava grávida de gêmeos. Nesse dia, eu estava dentro do consultório e peguei uma revista bem antiga e me interessei por um artigo sobre o Centrinho. Não era nada específico para mim, mas fiquei impressionada com as fotos das crianças e da evolução. Li toda a reportagem e entendi que interior de São Paulo tinha um centro de tratamento para má formação craniofaciais. Quando os meus filhos nasceram, constataram que o Bruninho tinha fissura. Na época, não conheciam nada sobre fissura, ainda mais na minha cidade. Quando eles nasceram, me doparam para que eu não ficasse assustada. Quando eu acordei, eu perguntei para minha cunhada sobre os meus filhos e perguntei onde estava o Bruno e a Isadora. Ela me falou que eles estavam bem, mas que o Bruno tinha nascido com fissura nos lábios. Eu perguntei se tinha outro problema, mas ele não tinha, estava normal. Então, eu falei: ‘ah, é só isso? Lá em Bauru tem um centro de referência que cuida só disso’. Minha família estava em peso, primos, tias, irmãs, cunhados, por causa do nascimento dos gêmeos. Ao invés deles me consolarem, eu que consolei todos, pois sabia tudo sobre o Centrinho. Na cabeça deles eu poderia ter um trauma, depressão ou rejeição. Quando o Bruno chegou para mim, a impressão é que ele veio do jeito que eu sempre imaginei. Esperamos ele fazer nove meses e viemos para Bauru. São mais de 10 horas de viagem de avião e duas conexões. Faz 20 anos essa rotina. O bom é que na minha cidade eles fornecem o TFD (Tratamento Fora do Domicílio) e recebemos as passagens. Em relação ao hospital, não tenho o que reclamar. Eles são muito organizados, muito bem treinados e competentes. Eu pude constatar que aqui é um centro de referência e todas as mães que eu converso são encantadas com o Centrinho. Meu filho sempre veio para o hospital com o maior prazer. Para ele, sempre foi um passeio, por mais que tivesse que passar por cirurgias, ele nunca reclamou”.

Dalva Moraes dos Santos, de Boa Vista, Roraima, mãe de Bruno, de 20 anos.

“Faz 13 anos que trago minha filha no Centrinho. Soube do hospital através da pediatra da minha cidade. Então, trouxe Maria Luiza para fazer o tratamento. São 17 horas de viagem. Mas, Bauru foi a cidade acolhedora. No início, eu fiquei apavorada e foi o fim do mundo. Mas recebi bastante apoio e até a madrinha dela me acompanhou e veio para Bauru comigo. Eu estou bem feliz com o trabalho do Centrinho e os funcionários fazem o que melhor comigo. Eles são maravilhosos”.

Lídia Padocan, de Erval Grande, Rio Grande do Sul, mãe de Maria Luiza, de 13 anos.

“Quando eu descobri que Natã tinha fissura fui procurar onde poderia trata-lo. Foi então que, através da internet, encontrei a página do Centrinho e soube que em Bauru tinha um hospital especializado nesses casos. Mesmo sendo 32 horas de viagem, não pensei duas vezes e trouxe ele aqui. Confesso que fiquei muito assustada quando vi a fenda, fiquei com muito medo porque não sabia amamentar meu filho. Mas, quando eu cheguei aqui, eles me ensinaram tudo, foi muito bom. Eu tive muito apoio da minha família. Eu acho o tratamento daqui maravilhoso, todos nos atendem com muito carinho e não tenho o que reclamar”.

Regineide José dos Santos, de Teixeira de Freitas, Bahia, mãe de Natã, de 10 anos.

A marca da sensibilidade

Paola Patriarca disse, a certa altura de sua obra, que é preciso ativar o *feeling* jornalístico para obter boas histórias, que contemplem informação e formação ao leitor. E ela as encontrou, de forma magistral, no *Centrinho*. Mais do que um hospital, edificou-se ali, no câmpus da USP, em Bauru, uma obra social daquelas comparáveis, ressaltadas a proporção e condições históricas, às grandes ações humanitárias mundo afora. Por aí se verifica que o título *'A marca dos anjos'* não foi fruto de mero acaso ou apenas fértil imaginação.

Nas entrevistas com a enfermeira Isabel, com Sheila (apoio educativo), João (construtor de brinquedos de madeira), Takemi (artesã em crochê), Maria Inês (assistente social), Maria Irene (ouvidora) e os depoimentos de mães, o livro-reportagem reforça a razão de ser do serviço jornalismo – falar de pessoas, de vida, no sentido de reposicioná-las no centro de nossas preocupações e transformações.

Ao retratar de forma detalhada e sensível as atividades e experiências dos seis entrevistados deste livro, Paola não apenas humaniza a atividade profissional que escolheu como também se contrapõe à falácia de que jornalismo e jornalistas gostam de desgraça, tragédias e outros apelos ao baixo instinto. Jornalismo e jornalistas

cobrem, por dever de ofício e compromisso com a história, as desgraças e tragédias, no sentido de apresentá-las à opinião pública para a discussão de responsabilidades e soluções. Jamais para, mesquinamente, ‘vender jornal’.

Quando conhecemos Paola e sua família, na entrega do prêmio Novos Talentos do Jornalismo, de cara percebemos não apenas o talento, mas a sensibilidade que deve possuir um profissional que vai trabalhar cotidianamente com gente. Depois, como contratada do JCnet, apenas confirmamos algo que transcende a boa técnica e ética jornalística adquiridas nos bancos escolares: a capacidade de se emocionar e se envolver com os dilemas humanos e tentar lançar luz sobre suas complexas engrenagens.

Na raiz dos sonhos de adolescência de Paola, onde estavam a medicina e o jornalismo, estava também o código para esta obra: ajudar pessoas. Fosse pela precisão cirúrgica do bisturi de uma médica ou pela abordagem apurada e incisiva de uma caneta e um bloco de notas. O jornalismo ganha mais uma narradora e intérprete diária da história de seu tempo. Com a marca da sensibilidade.

João Jabbour – Diretor de Redação do Jornal da Cidade de Bauru

Expediente:

Livro desenvolvido para o Trabalho de Conclusão de Curso para Comunicação Social- Habilitação em Jornalismo, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, Unesp. Professor Orientador: Prof. Dr. Marcelo Magalhães Bulhões - Bauru, janeiro de 2014.

Créditos de Fotos - Capa: Éder Azevedo - Sheila Garcia: Paola Patriarca - Isabel Lisboa: Arquivo Pessoal - João Antônio: Paola Patriarca - Maria Inês: Arquivo Pessoal - Maria Irene: Neide Carlos/Arquivo Jornal da Cidade - Takemi: Adauto Nascimento / Banco de imagens HRAC-USP - Hospital: Quioshi Goto/ Jornal da Cidade
Arte e Diagramação: Alexandre Peres
Impressão: Gráfica Avalon - Bauru (SP)

A *Marca dos Anjos* é um livro-reportagem que mostra a rotina de trabalho, experiências profissionais e pessoais de seis funcionários do Hospital de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais da Universidade de São Paulo, em Bauru, mais conhecido como Centrinho.

A repórter relaciona a vida desses profissionais com as histórias de mulheres que lutam para que a marca do sorriso apareça no rosto de suas crianças e, para isso, necessitam viajar mais de 10 horas para irem até Bauru. Essas mães, apesar de estarem longe de suas casas, não estão sozinhas na busca pela reabilitação. Todos os dias, lá estão eles: os “anjos” do hospital.

O livro transmite o que a jornalista aprendeu com os personagens e sua sensibilidade ao contar as histórias.

“Esse livro não fala de novelas, de filmes, de histórias fictícias. Este trabalho apresenta a vida como ela é. E se ela vem em preto e branco, algumas pessoas se incumbem de trazer a tinta, o lápis de cor, a aquarela. De repente, se descortinam esperanças onde só existia medo”.

Márcia Duran

“Ao retratar de forma detalhada e sensível as atividades e experiências dos seis entrevistados deste livro, Paola não apenas humaniza a atividade profissional que escolheu como também se contrapõe à falácia de que jornalismo e jornalistas gostam de desgraça, tragédias e outros apelos ao baixo instinto. O jornalismo ganha mais uma narradora e intérprete diária da história de seu tempo. Com a marca da sensibilidade”.

João Jabbour